

# DISCIPLINA

-E lhes digo isto para que saibam que o que é mais importante na nossa querida mãe, a santa Madre Igreja, é a obediência. Aqui, a disciplina tem que se posicionar acima de tudo.

Paramentando-se na sacristia, Padre Rogério alinhavava na cabeça os pontos chave da homilia de daí a pouco, momento em que teve sua atenção despertada pelas palavras que lhe chegavam através da aparelhagem de som e que vinham da nave do templo. A voz grave e mais pausada do líder comunitário era inconfundível e mesmo sem ter ouvido o que Nelson havia falado antes que aquela exortação final à obediência lhe houvesse chamado a atenção, o padre balançou a cabeça negativamente. O olhar entre espantado e curioso das duas senhoras do Apostolado da Oração que na pequenina mesa à sua frente lhe preparavam já o lanche de depois da missa e que com o rabo do olho o estavam a observar, era uma prova irrefutável de que o seu gesto de reprovação às palavras ouvidas não tinha sido nada discreto.

Ali, mais uma vez, ele constatava que, apesar dos dois anos tentando mostrar com palavras e não só com elas, mas também com atitudes e gestos bem concretos, que havia um modelo de Igreja de maior comunhão e participação a ser vivido, muitos fiéis teimavam em permanecer acorrentados a uma prática eclesial ultrapassada. Uma Igreja sem a liberdade na qual os leigos não necessitassem se arvorar em meros repetidores de regras de disciplina antiquada e que não educavam o povo para a religião do Deus de Jesus Cristo, fazendo com que permanecessem aprisionados nas imagens de um deus falso, sedento na busca de sacrifícios vazios e não de misericórdia como o nosso Deus de Jesus Cristo. Igreja geradora de espaço onde também os leigos não fossem somente esses meros figurantes, não lhes cabendo a possibilidade do exercício do menor questionamento que fosse, nem lhes sendo permitida a crítica mais singela, por mais construtiva que pudesse ter sido a sua motivação.

Havia muito a fazer, muito a caminhar, refletia Rogério. Ainda preciso de um vasto tempo até que os tenha feito acreditar que os quero mais atuantes e digo esta palavra não com o sentido carimbado de leigos travestidos como se fossem mais clericais ainda do que os tantos padres retrógrados e atrasados que precisam converter urgente a sua rota. Ser leigo na realidade é muito mais do que isto. Ele tem uma atribuição bem maior e que não é a de substituto de sacerdotes como alguns podem pensar e mais ainda, na forma como os quero ver, a sua função não se resume à execução tão somente de tarefas operacionais e de apoio que, é óbvio, são também necessárias, tais como, dentre uma imensidão de outras, providenciar o café do celebrante, fazer o almoço para arrecadar fundos para as obras assistenciais, recolher o dízimo ou responsabilizar-se pelas leituras nos cultos.

Bem antes de ser ordenado sacerdote, desde quando ainda seminarista, Padre Rogério muito queria e estava envolvido com aquela comunidade. Não que sempre pensasse assim como hoje. Houve um tempo, mesmo quando já frequentador do grupo de jovens e mais ainda, numa época depois que se percebera vocacionado à vida sacerdotal e estava no Seminário, em que sentia o papel do leigo na Igreja de forma bem simples e apenas subalterna à hierarquia. Para ele, naqueles anos, uma boa definição de leigo poderia ter sido algo bem diverso que teria, caso o tivessem pedido, registrado mais ou menos assim: Leigo é todo aquele que está, ou deveria estar, a serviço do padre fazendo todas as coisas necessárias para que ele possa celebrar bem, ministrando os sacramentos no atendimento à comunidade colocada em suas mãos pelo bispo.

Tinha havido um homem que lhe fez ver o quão pobre era esta definição. Alguém que lhe ensinou a ver e a sentir a Igreja com um outro olhar. Com uma mirada mais bela e profunda. Um homem que lhe havia feito sentir que existia toda uma longa estrada a ser trilhada até que fosse alcançado pelos leigos um papel bem mais pleno, uma atribuição que já haviam tido nos princípios da Igreja e para o qual, retornando pelo comprido caminho, eles precisavam voltar. Um papel que não era de obedientes cordeiros que se tornavam muitas vezes das ordens emanadas da hierarquia, mas também de sujeitos imbuídos, como Povo de Deus, da responsabilidade pela construção do Reino.

Cristiano, seu falecido e tão querido bispo tinha sido este homem. Profeta, ele só errara num ponto, Rogério ia lembrando. Seu bispo pensava que a hierarquia seria o único lado de tensão nessa necessária volta à origem, mas não, os últimos períodos de aula na preparação para o sacerdócio no Seminário e, principalmente, os dois anos já como padre, mostravam a Rogério que a corda do lado do povo também era resistente e se esticava muito, na vontade que fosse mantida uma situação que lhe era bem cômoda e descompromissada, abrindo mão do poder de também participar mais ativamente da vida da Igreja. Em vários momentos este resistir era até maior e era sentida a tensão da corda bem maior do lado laical que a ponta que, no extremo oposto, os hierarcas seguravam e defendiam, puxando-a fazendo força com medo de perder o poder, ele constataria. O leitor da voz de barítono e lenta acabara já de nomear os falecidos todos, bem como também os aniversariantes dizimistas e as outras variadas intenções da missa dominical há algum tempo, mas de olhos fechados, absorto em seus pensamentos e lembranças do saudoso bispo Cristiano, Rogério se mantinha longe da sacristia e de todo o ambiente que o rodeava. Já totalmente paramentado aguardava a hora de adentrar a capela para presidir a celebração da missa.

-Padre, alertou o ministro cutucando bem levemente com a ponta do indicador o seu ombro, como que com receio de tocá-lo.

-O sino anunciando a nossa entrada tocou há um minuto e a assembléia já se encontra de pé aguardando a procissão de entrada. O senhor se sente bem?

-Claro, claro, estou ótimo, vamos logo. Respondeu-lhe Rogério com a expressão assim meio boba e porque não dizer até frustrada, de quem é arrancado bruscamente de enlevantes e distantes pensamentos para o centro da dura realidade a ser vivida e enfrentada.

Quando da chegada à capela Robson e Mônica a encontraram praticamente vazia. Um grupo de senhoras idosas rezava o terço, reunidas todas elas nos três primeiros bancos do lado direito, bem à frente da imagem da Virgem de Fátima, presente que havia sido dado à Igreja pela comunidade portuguesa do bairro.

Devemos ter nos acomodado nos lugares habituais desses dois casais de velhos, pensava Mônica agora que o templo se enchera e os dois estavam ladeados e espremidos pelos quatro idosos num banco onde normalmente caberiam no máximo cinco fiéis. Cochichou então, no ouvido do marido, essa que foi uma das suas primeiras impressões daquela comunidade que, a partir daquela manhã quente e abafada de domingo, iria fazer parte das suas vidas, pelo menos até quando decidissem mudar-se dali do bairro o que era impensável para os dois naquele momento. Robson respondeu-lhe baixinho, abrindo um largo sorriso na sua cara quadrada e que bem merecia ter sido barbeada naquela manhã, que, como marido e mulher eles estavam mesmo totalmente em sintonia, pois não é que ele também havia pensado a mesma coisa a respeito da localização que os dois tinham escolhido para se sentar na Igreja e que devia, quem sabe pelos usos e costumes do lugar, ser considerado como propriedade daqueles que desde um longo tempo sempre estiveram acostumados a se sentar ali naquele banco que malfadadamente havia sido escolhido por eles?

O badalar forte do sino postado ao lado da porta à direita daquela imagem de Nossa Senhora, pelo homem que no seu modo de ver seria o sacristão do lugar, fez com que todos se levantassem e, de imediato, Robson percebeu que sairia dali a procissão de entrada que daria início ao culto eucarístico. Porta aberta, povo de pé e nada de sair gente dali. Imaginou então, apesar de ter reparado que muitos também já olhavam para aquela porta com o sino ao lado, que talvez mirasse no alvo errado e que dali não iria vir ninguém. Tentando então ser o mais discreto possível e, da mesma forma que tinha ocorrido com o padre momentos antes dentro da sacristia, não tendo também nenhum sucesso nesse intento, Robson vira a cara larga e quadrada para trás e, além de notar o quanto a capela está lotada, havendo muita gente que não encontrou lugar para se assentar e se postou de pé, não reparou nada de diferente que pudesse denotar que dali viriam o celebrante e seus acólitos. Torna rápido o olhar para frente não sem antes ter observado que o seu movimento provocara uma onda de muitos outros, suscitando em várias outras pessoas às suas costas a mesma curiosidade de olharem para os fundos.

Puxando com a mão esquerda bem aberta, num gesto de carinho, para perto do seu o rosto de Robson, Mônica lhe sussurra bem humorada que alguém, com certeza distraído, cometera um erro e que, sem observar se o padre já estava presente na Igreja, tocara o sino e agora não é que estavam todos eles ali esperando um sacerdote que, por alguma dificuldade havida com o padre e que sobre qual problema que ele era capaz de ter tido, eles eram incapazes de sequer imaginar, não havia ainda chegado para celebrar a missa. Isto é o que acontece a nós, os leigos, que sem pensar, agimos como robôs, badalando às horas programadas, nos nossos mecanismos internos, as ações das quais nos incumbimos, da mesma maneira que, de forma automática, ao ouvir o sino todos nos levantamos, rematou Mônica novamente sussurrando em seu ouvido, fazendo com que Robson sorrisse mais uma vez.

Sente-se no ar uma aflição e um desconforto o que torna mais pesada a atmosfera, provocando naqueles que são mais sensíveis e observadores, a impressão de que os ruidosos motores dos ventiladores tinham agora a necessidade de imprimir mais força ainda, para que suas hélices que um dia haviam sido negras e que agora, cobertas por uma poeira fina e clara, se encontravam esbranquiçadas, pudessem girar e mais barulho ainda provocassem. Sucedeu-se isto tudo numa daquelas ínfimas frações de tempo, que no relógio não devem ter ocorrido em mais que um minuto, mas que na nave da capela parecera ter durado bem mais que os aflitos e ansiosos considerariam como uma eternidade. Lá dentro da apertada sacristia, despertado das suas reflexões, o sacerdote faz andar, não sem um quê de impaciência, a pequena procissão que passa então mais rápida do que de costume sob a mesma porta de onde Robson presumira iria sair o padre e o seu séquito.

## EXPECTATIVA

Marta e Tomás viriam almoçar naquele que era o primeiro domingo de curtir a casa. Dia em que Mônica programara continuar a arrumação das coisas no novo lar. Apesar de ter julgado, a princípio, como atitude prematura o convite feito por Robson para que o casal tão amigo de noivos comesse com eles, já tinha relevado tal julgamento. Primeiro porque gostava demais da presença dos dois companheiros e também porque, como toda recém casada, Mônica naturalmente estava ansiosa e demonstrava isto ao enrolar e desenrolar, com os dedos da mão esquerda, os cachos do sedoso e bonito cabelo ondulado, agora menor, pois que fora cortado para o casamento, para mostrar aos amigos a nova casa, os presentes e principalmente o toque pessoal que a tudo ela dava na decoração do pequeno apartamento.

Não que houvesse tranqüilidade nela quanto aos resultados da tarefa de preparação da comida que com toda certeza caberia a ela, posto que Robson mal-mal possuía competência para fritar um ovo. Insistiam em permanecer, rodando pela sua cabeça, incertezas sobre o cardápio com tanto esmero escolhido e por sua insegurança outro tanto de vezes modificado, bem como também dúvidas a respeito da apreciação que os três comensais fariam, daquela que seria a sua primeira produção culinária mais elaborada. Risonha não obstante essas expectativas, ela acha nas lembranças do último encontro havido entre eles o definitivo ponto que a fez ver, agora de forma que considera irretocável, não ter sido precipitado aquele convite feito pelo marido.

Não é que foram Marta e Tomás que se convidaram? Mônica constata não sem alguma surpresa. Sem educação teria sido Robson caso tivesse optado por ficar, como eu permaneci, em silêncio diante das insinuações tão insistentes feitas a nós dois para que os chamássemos a uma visita nesse domingo pós a lua de mel. Não, e Mônica volta ao ponto inicial da incerteza, que momentos antes até julgara ser imutável, em considerar precipitado o convite feito pelo marido, mas Robson poderia tê-los convidado para algo mais simples

como um lanche de final de tarde. Era só passar na padaria, comprar algumas coisinhas gostosas e já prontas, uma cerveja, ou talvez por segurança deveríamos trazer duas, um refrigerante diet e a mesa já estaria posta e pronta.

Tudo tão limpo, tão arrumado e Robson não entendia a faina da mulher que tendo acordado mais cedo, deixando-o entre os lençóis naquele último e mais gostoso sono, troca de posição os objetos de decoração e os três porta-retratos postos sobre a mobília. E lá vem mais uma varrida nos cômodos, outra nova passada de pano sobre os móveis e estava ela agora acertando algum impossível milimilímetro desaprumo naquele quadro que menos de doze horas antes, na noite do sábado, ele instalara e alinhara, disto tinha a mais plena certeza, depois de fazer os furos na parede da pequena sala.

Aninhado na poltrona individual da sala e sentindo o conforto e o cheiro gostoso de novo que sai dela, se dá conta de que, pelo menos na sua casa, pois que na loja de móveis outros prováveis compradores poderiam tê-lo feito, era ele o primeiro a se assentar ali, observa curioso a mulher correndo para lá e para cá, pronto que já se encontra para ir pela primeira vez à capela, cinco quadras distante, para a missa. Preocupado desde a infância com o cumprimento rigoroso dos horários, já fizera por duas vezes o alerta para que ela deixasse de lado aquela arrumação, que no seu modo de perceber as coisas era totalmente desnecessária, e fosse se aprontar para ir logo à Igreja. Haveria tempo de sobra quando retornassem da missa para deixar aquilo tudo, que para ele estava mais do que pronto e arrumado e que para ela ainda carecia de um retoque final, para que pudessem bem receber o casal amigo.

O odor agradável de carne assando no estréia do forno do fogão, que agora invade todo o apartamento, torna-se mais uma constatação para Robson de que a mulher não quer nenhuma surpresa e procura deixar tudo arrumado para a recepção das visitas. Pano de limpeza numa mão e espanador na outra, Mônica passa pela poltrona e lhe beija os cabelos no topo da cabeça, dizendo que não eram necessários mais que cinco minutos para que se tornasse também pronta para saírem. Apesar da pouca crença de Robson de que esse seu dito se cumpriria, em cinco minutos ela já se apresentava à sua frente linda e de saltos baixos para não ficar mais alta do que o marido, para que juntos pudessem ir à missa naquela que dali por diante se tornaria a comunidade onde viveriam, como leigos, o amor de Deus que nas suas vidas sentiam representado no sacramento do matrimônio vivido por eles desde há tão pouco tempo. Conforme era a pretensão deles, iriam chegar cedo. Necessitavam de tempo suficiente para conhecer e sentir, antes do início da celebração, o novo ambiente.

Na rampa que dava acesso à única porta da capela umas quinze pessoas, várias delas vestidas com camisetas coloridas nomeando-as como pertencentes às pastorais do dízimo, da catequese e do batismo, conversavam espalhadas em pequenos grupos e nenhum dentre eles lhes dirigiu palavra ou algum gesto por pequeno que fosse de simpatia e acolhimento. Como os irmãos separados são mais cuidadosos que nós, os católicos, na recepção dos fiéis que chegam pela primeira vez às suas igrejas para as celebrações, pensou Robson enquanto passavam pela rampa e entravam no templo. Indo um pouco à frente e puxando-o pela mão, Mônica escolhe sem nenhuma dificuldade, pois que em sua grande maioria os bancos ainda se encontravam vazios, aquele que lhe pareceu ter, além de uma boa visão do altar, também

uma melhor ventilação, pela proximidade da janela de um lado e do grande ventilador com as hélices pretas e empoeiradas em formato parecido com o de imensas colheres. Ligeiros se ajoelham se acomodando no banco estreito de madeira avermelhada.

Sentados agora seus olhos passeiam descansados e sem nenhuma pressa, por todos os espaços visíveis a partir daquele posto de observação que tomaram na capela. Fazendo jus à sua profissão, rápido, Robson observa a falha de segurança cometida pela engenharia naquela construção, eis que somente uma saída havia ali para o caso de ocorrer alguma emergência mais séria e que exigisse uma rápida evacuação do lugar. Mônica entretia-se admirando os belos quadros da Via Sacra, não sem que também tivesse deixado de observar ter sido aquela igreja construída, obviamente, para que nela fosse instalado um sistema de ar refrigerado e quem sabe faltou dinheiro, pois que se tivesse sido do jeito que ali acontecia, com o uso dos ventiladores apenas, bem mais janelas deveria de haver nas suas paredes brancas laterais. Enquanto percebem que à sua volta pouco a pouco vão chegando os fiéis, eles comentam um com o outro essas suas impressões.

A conversa sussurrada retoma o tema tratado por eles quando Robson, orientado por Mônica, batia firme o martelo e fazia os furos nas paredes para que nelas pudessem estar pendurados os diversos pratos, colecionados pela mulher desde a adolescência, guardados que foram com todo cuidado para a sua casa e os três quadros que haviam sido pintados e presenteados por Marisa, irmã dela e também sua madrinha de casamento. Falavam dos seus muitos sonhos que pretendiam verem realizados através dos trabalhos pastorais que com toda certeza iriam desenvolver ali na nova comunidade. Mônica lembrava-se da facilidade que sempre tivera para lidar com as crianças e os adolescentes. Robson dizia não sentir que se situava por aí o chamado que sentia de Deus na sua oração, para o exercício da missão comunitária. Não é, ele lhe dizia com muita ênfase, que experimentava nos últimos tempos um apelo bem forte para atuar na formação religiosa dos adultos? Fazer algo na preparação dos leigos botando em prática os estudos variados de teologia laical que nos últimos anos havia feito, para que surgisse mais viçosa a Igreja de comunhão e participação com a qual tanto eles dois sonham.

Acaba a recitação do terço pelo grupo de mulheres, agora enxertado por várias outras paroquianas, umas poucas dentre elas de meia idade e até uma ou outra mais jovem e salpicado entremeio a elas por alguns poucos homens. Tudo gente que chegara para a missa de daí a pouco. Minutos depois, ainda quando revisitavam o assunto da noite passada, chega um homem e toma o microfone iniciando uma admoestação. Não há como negar que as palavras, num tom grave e deixando a aparência de serem proferidas em câmera lenta, daquele senhor não tenham exercido função semelhante a uma ducha de água gelada nos anseios de trabalho apostólico do casal. Se este é o líder comunitário ele deve ter falado em nome do padre e se é isto que o sacerdote e a nossa nova comunidade pensam a respeito do papel que o leigo deve exercer na Igreja nós, literalmente, estamos fritos, pois que teremos um trabalho hercúleo em fazê-los enxergar que há toda uma nova postura e um espaço diferente a ser conquistado na Igreja pelos leigos. Foi assim, ainda de surpresa, que Robson falou baixinho ao ouvido de Mônica, comentando o discurso proferido por Nelson lá do ambão ao lado direito do altar.

Ela retrucou então lhe dizendo em meio àquele sorriso que desde a primeira vez em que a viu tanto o encantara, que o problema de que agora eles tomavam conhecimento exigia ser observado também por um outro ângulo e nessa nova ótica ela sugeriu que seria possível fazer uma avaliação diferente do fato. O que havia sido entendido por Robson como um imenso problema, passava a ser no seu novo ponto de vista uma desafiadora oportunidade. O ângulo alternativo sugerido por Mônica mostrava quão belo era aquele campo de missão que o Senhor colocava à frente deles. O trabalho de transformação de uma comunidade acomodada e vivendo em muitos aspectos uma existência pré-conciliar em uma nova Igreja comprometida e na qual, leigos e hierarquia, de mãos dadas, se colocassem unidos na construção do Reino de Deus entre nós.

## COLUNAS

Padre Rogério abaixa-se para beijar o altar deixando à mostra o rurar dos cabelos no alto da cabeça. Levantando agora o rosto que lhe dava a aparência ainda de uma menor idade daquela que na realidade possui, mira a assembléia enquanto faz o sinal da cruz. Não deixa de reparar no casal jovem e novato ali nas suas celebrações em meio àquele lugar que sempre era ocupado pelo grupinho de idosos da Renovação Carismática tão seu conhecido. Olhando melhor, pela idade que aparentam, um dos dois será neto de um daqueles casais, não fosse por isto não estariam sentados em meio a eles dessa forma tão espremida, teria sido muito mais confortável se houvessem permanecido em pé. O rapaz, coitado, parece ter se colocado meio de lado até, na busca de posição mais cômoda, intuía Rogério.

A comunidade agora pede perdão pelos seus pecados e o olhar do padre chega mais uma vez àquele local onde estão Mônica e Robson. Mais um casal de classe média pensou, aqui dentro da Igreja. Temos um público interno que é tão diferente daquele que se situa ao pé da rampa de entrada no final das missas. Lá fica o depósito de gêneros alimentícios e roupas dos vicentinos e à sua porta, sempre que temos celebrações aqui no alto, está sempre postado um aglomerado de gente pobre. Qual o porquê de não vê-los aqui dentro, celebrando com todos? O que deve ser feito para conseguirmos inseri-los na comunidade? É como se não se sentissem à vontade para se servirem à mesa principal, ficando, lá no chão, aos pés dela para pegar as migalhas que caem da mesa farta do Senhor.

A primeira leitura da missa falava da necessidade da reconstrução do templo de Jerusalém pelo povo eleito e, de imediato, a cara triste da zeladora da capelinha do alto da favela lhe invade a cabeça. Rosto enrugado de gente sofrida, cada uma daquelas rugas de Dona Amélia devia de ter uma história, uma luta, uma dor, um sofrer sentido. Recorda-se da tristeza da velha ao relatar-lhe o caso das colunas de mármore que há tantos anos eram enfeites da Capela da Virgem de Nazaré.

-O pároco resolveu reformar a Igreja matriz. Coisa da maior necessidade, ninguém há de por nessa decisão algum vamos ver direito ou espera lá que seja. Os cupins estavam mais

pedosos que as donas beatas e não sei se orar eles rezavam, mas que trabalhavam dia e noite lá por dentro do altar, isto eles labutavam. Ela ria mostrando as muitas gengivas vazias do branco dos dentes. O altar, muito antigo, de madeira, da matriz estava oco que nem despensa de pobre. As madames e os doutores que lá freqüentam mereciam mesmo um altar novo. Nisto, já disse para o senhor, não tem que se botar nenhum porém. O que ficou ruim demais da conta e nos chateou, seu padre menino, foi que ele mandou aqui no alto do morro a Kombi para buscar aquelas duas pilastras que o senhor conhece bem porque são elas que adornam agora as laterais do altar novo da igreja principal.

Não sabia que elas eram de lá, foi o que retruquei e Dona Amélia prosseguiu célere.

-O senhor, padre menino – é assim que ela me chama – há de ir me desculpando por eu estar nesse chororô de lembranças tristes, mas foi exata essa coisa que muito magoou a gente da nossa capelinha do alto. O senhor pode acreditar que teve até umas pessoas, dessas que são mais fracas de fé e que acabam pondo o seu credo mais nos humanos e nas coisas e menos no Espírito de Deus, que até deixaram a nossa comunidade? Aquelas pilastras são do melhor mármore. O senhor padre menino já há com toda certeza reparado na lindeza que tem o tom de colorido delas. Coisa de país estrangeiro. Das itálias, é o que os mais antigos, dos remotos anos quando eu ainda pelejava na roça lá pros lados da Bahia, antes que o chicote da seca imensa nos tocasse, como bois tangidos na busca do poço de água que garante a vida, para a cidade grande, onde só tivemos guarida aqui na favela no alto do morro.

São muito bonitas realmente. Chamam mesmo a atenção. Vou até confessar para a senhora que, pela causa mesma dessa beleza, eu não gosto quando põem, na matriz, lá em cima delas aquelas samambaias que vocês chamam de choronas, porque quando fazem isto, as ramas compridas da planta escondem a beleza que é o mármore rosa no qual elas foram esculpidas.

-O que mais nos doeu foi que na nossa pouca inteligência, pois que somos pessoas que não têm nenhum estudo e no caso de se ser necessário que se coloque as letras no caderno não vai sair nada que faça que possa ser lido e entendido por alguém letrado. Mas como eu assuntava com o senhor, seu padre menino, dolorido foi quando nos demos conta de que o padre vigário e o povo da matriz tinham medo ou até duvidavam da nossa capacidade de cuidar e proteger as peças que eram da nossa capelinha da Virgem. Teve gente nossa que até achou de dizer que eles lá que tinham os estudos e o muito dinheiro é que sabiam das coisas e que o melhor mesmo que as pilastras tinham que fazer eram elas enfeitarem o altar da igreja que também é nossa, a principal, grande e plena de importância e não ficar onde as pessoas nem dão valor a elas por não entenderem de arte e de coisas caras. Desacordo desses. Pois não é que o senhor mesmo está me falando que o povo da matriz põe samambaia chorona em cima delas encobrendo toda a sua arte e cara boniteza? Que Deus me perdoe, mas a sua mãe, a Virgem Menina de Nazaré, estava tão acostumada já com as pilastras, para mim até ela gostava demais da conta delas junto conosco, que ela se quedou tristonha com a saída das suas pilastras naquele sábado na Kombi da paróquia, carro esse que nunca tinha subido aqui no alto e que quando veio não foi para nos trazer alegria, mas, ao contrário, levou de nós a belezura que a nossa santinha tinha tanto gosto de estar delas bem juntinha. Toda vez que eu vejo o barulho da Kombi subindo o morro para trazer o senhor, me vem a lembrança daquele dia primeiro que ela veio até aqui e nos levou embora os ornamentos da Santa no altar.

Alencar, o ministro, sentado junto nas cadeiras de espaldar alto, cutuca-o novamente, agora mais sutilmente com o cotovelo. Chegara a hora da Aclamação ao Evangelho e todos já se tinham postos de pé. Sempre obediente, Alencar e os coroinhas escalados para aquele domingo aguardavam que o padre se levantasse e o cotovelo batendo de leve na sua costela acordou-o do lembrar dos pedaços das conversas tão boas que costumava ter com Dona Amélia naqueles dias em que subia o morro para lá no alto celebrar a missa com o povo simples do lugar e da sua vergonha pela atitude impensada e com toda certeza, é bom que se frise, sem a mínima maldade, pois que é homem muito bom, do seu superior tirando da capela dos pobres os enfeites de mármore rosa que a adornavam.

Rogério aterriza de novo. Respira mais fundo que de costume e, de novo presente à celebração que preside, canta com voz forte e afinada até que segundos depois voa novamente. Meu Deus, perdão pela minha dispersão e pela desatenção do padre em não notar que a sua ação de trazer as tais colunas não era nem um pouco justa com esses seus paroquianos mais simples. Não sou capaz de lembrar-me de uma palavra que seja do que foi rezado no salmo responsorial e da segunda leitura da missa, vagamente me vem umas poucas palavras perdidas de um sentido maior. Baixa os olhos e passa-os verticalmente por sobre o texto da leitura feita, retomando assim a preparação que havia feito para a homilia. Nela, teve que frear a língua e, por muito pouco, não trocou a palavra “colinas” por colunas tão impregnada estava no subconsciente a triste tomada das tais colunas de mármore rosa, chamadas por Dona Amélia de pilastras.

## IMPRESSÕES

Era a mesma a impressão causada nos dois pela homilia de Padre Rogério. Esperavam bem mais da pregação do celebrante. Ele não soubera aproveitar as belas mensagens contidas nas leituras previstas na liturgia para aquele domingo. Para Mônica ele parecera estar distante, preocupado, quem sabe, com outras coisas. Robson também tivera a mesma sensação. Pois não era, comenta, ao mesmo tempo perguntando à esposa, que tinha ficado totalmente fora de contexto a metáfora de colina que ele usara na tentativa de explicar a noção de reconstrução do templo contida na primeira leitura? Pois é, riu Mônica, ao invés de explicar clareando a idéia, ele confundiu-nos a todos. Robson balança positivamente a cabeça e sentindo que o rosto posicionado do lado direito se virara para o seu lado, olha também para ele e sente-se fuzilado pelo olhar firme que brilha por de trás daquela armação de óculos moderna e de lente espessa que em nada combinavam com o traçado, as roupas e a idade daquela a qual serviam. Sorri, como que se desculpando do cochichar que incomodara à vizinhança, recordando-se do quanto ele também se sente incomodado quando há conversas à sua volta em meio às celebrações das quais participa.

Não era somente o celebrante que se encontrava disperso, também Robson assim se sentia. Desde que chegaram não conseguira concentrar-se entrando no clima exigido pela celebração. O pensamento vai e vem na gangorra em meio às muitas emoções fortes vividas nos últimos tempos por ele. Talvez por tê-lo achado tão parecido com aquele diácono que lhes falara naquele domingo, há dois meses, sobre o sacramento do matrimônio no encontro de noivos que fora promovido pela Pastoral Familiar da sua antiga paróquia, o ministro das palavras infelizes de antes da missa, a lembrança de tal encontro lhe veio cheia à memória. Também aquele diácono não tivera sucesso na sua palestra e os conceitos propalados por ele, bem como os exemplos que sugerira para serem seguidos por aqueles vinte casais participantes como eles do curso, não eram nem um pouco condizentes com a realidade vivida hoje em dia pelos casais jovens.

Não que houvesse cometido alguma heresia, pregando uma moral desalinhada com as diretrizes emanadas do Vaticano. O que ocorrera é que, e Robson não sabe direito se pode pensar assim das palavras ocas saídas da boca do diácono, elas chegavam aos seus ouvintes como sons fora de foco, parecendo terem sido emitidos em outras eras. Era como se eles estivessem ouvindo em tempos do disco a laser, o som chiado e cheio de falhas dum disco de setenta e oito rotações que, além disso, também se encontrava trincado porque o tal palestrante era muito repetitivo e não avançava nunca nos assuntos, batendo e rebatendo sempre nas mesmas teclas. Os volteios se davam principalmente se fossem referentes a pontos de alguma doutrina ou pastoral para a qual tinha havido uma baixa recepção por parte dos fiéis na Igreja, ou que à luz das mutações cada dia mais profundas e rápidas vividas na sociedade, devem, portanto serem revisitadas.

Nos ensinamentos que recebemos da nossa mãe a Igreja é de primordial importância que seja feita a avaliação do que nos é passado, verificando-se se tratam de pontos doutrinários ou pastorais. Os primeiros, aqueles que visam rechaçar uma doutrina como falsa ou autorizá-la como verdadeira, exato o que não ocorre nas segundas, as questões pastorais. Estas, que em determinada época podem ter sido consideradas como inseguras, em outras circunstâncias e tempos já poderão ter se tornado seguras. Nosso palestrante diácono tratava como efetiva doutrina aspectos que são pastorais e que além do mais têm hoje baixíssima acolhida por parte dos cristãos e estão a exigir novas leituras e orientações para nós, os fiéis.

Incomodara-o sobremaneira o modo autoritário e muito mais legalista até do que pretendia ser a própria lei com que, dentre vários outros pontos repetidos à exaustão na longa e muito cansativa palestra, o diácono tratara das questões relativas à moral da afetividade e da sexualidade. Junto a muita gente na hierarquia da Igreja, também aquele diácono parecera aos dois ter uma certa fixação, quem sabe até um tanto quanto mórbida, pelas questões referentes à sexualidade. Pobre homem a quem uma boa terapia muito auxiliaria, remata Robson a reflexão. Lembra-se agora do comentário muito pertinente feito por uma das noivas no intervalo do café e que os fizera a todos rir muito. A tal moça observara que fossem aqueles conselhos seguidos dali por diante, não haverá no mundo nos anos vindouros uma nova geração de filhos de cristãos, pois que seríamos todos nós os batizados e seguidores de Jesus, como ele, o diácono, também celibatários e guardiões da virgindade.

Em meio às gargalhadas gerais que tal comentário provocara, Mônica havia completado, fazendo com que fossem aumentados os decibéis provocados por tantos risos, que caso o tal

diácono houvesse pregado uns vinte anos antes para os pais deles e por eles tivesse sido atendido, nenhum deles ali estaria para constituir platéia para a palestra. Eram coisas assim que passavam pela sua cabeça enquanto lá na frente, no altar, o sacerdote ofertava ao Pai o pão e o vinho para o sacrifício. Queria porque queria partilhar com sua mulher sentada ali ao lado dele esses pensamentos todos, mas a lembrança do olhar de desaprovação sentido forte, mesmo que aliviado no seu ímpeto por estar protegido detrás de lentes tão espessas, da velhinha do lado direito, somado ao fato de que o estar disperso não lhe dava nenhum direito de tirar também a concentração de Mônica, ao contrário, o estado de distração no qual estava imerso estava a lhe exigir que brigasse com ele, que o dominasse e o mantivesse sob seu controle, voltando dessa forma a atenção para o clima celebrativo que a cerimônia e a sua fé pediam, mas Robson sabe que se localiza muito longe dessa disposição e sente-se fraco e incapaz para esta luta enquanto o pensamento rodopia cada vez mais rápido em sua cabeça.

Das tantas palavras que vem lhe visitar sentado espremido naquele banco da capela, três permanecem dando saltos no cérebro, como que implorando para que lhes fossem concedidas uma maior atenção. “Lei, celibatários e virgindade” são as tais palavras pulantes que faziam com que vibrassem os seus miolos. Resolve então escrever uma carta para o diácono – como é mesmo o nome dele? – como fizera tantas vezes anos antes com Tomás, o amigo querido que os visitará dali a pouco. Lamenta a velha e conhecida incompetência de só conseguir reunir na cabeça os argumentos para rebater algo que escuta e do qual discorda, depois de passado algum tempo do fato ocorrido, quando não há mais tempo para rebatê-lo. Relembra o tempo das cartas e agradece a Deus, ali durante aquele ofertório, o fato delas terem ajudado Tomás na sua conversão, bem como também auxiliaram Mônica, Marta e alguns outros amigos que, com a ampliação dos destinatários das cartas, acabaram sendo beneficiados também por elas.

Imagina então como seria a tal carta para o diácono anônimo. Faz e refaz mentalmente o começo da correspondência. Testa o seu início começando pelas leis, acha melhor agora que não seria uma boa idéia iniciar o texto por elas, quem sabe não será mais interessante terminar por elas depois de ter discorrido, e até daria para juntá-las no mesmo parágrafo, as explicações que iria dar sobre as duas outras palavras: celibatários e virgindade?

Ali, em meio à celebração do memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus, repassa as variadas vezes em que Ele, a quem seguimos, questiona as leis da sua época. Torna-se então muito claro ao contemplar essas cenas a total liberdade do Mestre frente às regras que mantinham presos os seus conterrâneos seguidores da Lei Mosaica. “É por isto que vos digo: a lei tem que nos libertar. Somente livres chegaremos até o meu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça, lei que aprisiona não é lei, é prisão que não leva ao meu Pai”. Está aí uma frase que poderia muito bem ter saído da boca de Jesus, uma bem provável “ipsissima verba”. Quem haveria de afiançar que não poderiam ter sido usadas em uma de suas pregações a proclamação de tais palavras?

Como os fariseus contemporâneos de Jesus de Nazaré, também muita gente na Igreja de hoje vive todo seu apostolado tentando passar ao povo de Deus uma religião feita só de leis, de regras, procedimentos e rituais que acabam por realizar nos dias atuais o mesmo papel que aquelas muitas prescrições judaicas exerciam sobre os anawin, os pobres de Javé,

aprisionando-os. Precisamos urgente de profetas que denunciem a forma como são colocadas as leis. Elas, é mais do que óbvio, são necessárias e têm que existir. O problema acontece quando as colocamos acima do homem e aí lhe vem mais uma vez, o exemplo da malfadada palestra do diácono sem nome. Por que costumamos nos esquecer dos exemplos dados por aquele que, desde há dois mil anos, buscamos seguir e que teve uma prática de vida de total liberdade em relação a uma religião legalista que, ao invés de conduzir, acaba por dificultar a caminhada do povo para Deus?

Quando esquecidos do agir de Jesus nós aumentamos o legalismo da religião e temos como primeira consequência desse incremento legal, a exclusão cada vez maior dos pobres do seio da Igreja. Não há aqui hoje nesta capela uma prova cabal e triste disto? Onde estão os tantos e tantos pobres também moradores aqui deste bairro? À minha volta, com raríssimas exceções, quem sabe de um ou outro pobre mais cara de pau, só temos presentes gente que pelo seu modo de se portar e vestir situa-se dentro dos padrões vigentes na nossa sociedade capitalista, inserida da classe média para cima.

Recorda-se daquela vez em que no mutirão para consertar as casas da vila, construída para os velhinhos abandonados pelas suas famílias, conheceu e trabalhou como auxiliar de pedreiro de Seu Milton, preto velho, homem comprido e reto como um poste fino, de braços longos e alta estatura na muita magreza para tal tamanho e que diante de gente que não era da sua mesma condição social, tornava-se sempre desconfiado e mantinha os olhos, postos lá no alto do seu rosto, voltados para o chão.

Seu Milton me dizia então, encabulado e tendo muitas dificuldades em passar as ordens para mim e é óbvio que era imprescindível que eu as tivesse, porque daquela profissão eu não era possuidor da menor noção que fosse do como deveria me comportar para lhe auxiliar ali no trabalho. Com o passar das horas e o consequente aumento do meu cansaço, por não estar nem um pouco acostumado ao exercício de uma atividade tão bruta, enquanto ele não dava a menor mostra de que sentisse o grande esforço que fazíamos para dar conta daquela construção até o final do dia, Seu Milton, foi se soltando e houve momentos em que muito conversamos. Foi quando pude ver melhor seu rosto chupado de homem muito delgado e olhos parecendo serem de cavalos de tão tristes que eles eram. Dizia ser muito fácil reconhecer um pobre, mesmo quando este estivesse travestido com roupas de gente melhor situada, com mais importância na hierarquia social, ele me garantia. Pobre pisa leve e delicado como se calçasse pano, não faz barulho no chão. Pobre nunca mira nos olhos de alguém que ele considere como seu superior por ser gente que tem mais dinheiro ou mais cultura do que ele, afirmava essas coisas falando baixo e de forma macia, medindo cada uma das palavras que pronunciava.

Indaguei-lhe dos porquês para mim deste curioso comportamento e respondeu-me lá com suas palavras simplórias e ao mesmo tempo profundas que quando o pobre se esquece da necessidade desse cuidado e fica metido a besta, pisando forte e olhando para a frente em ambientes outros que não aqueles onde, por se sentir em meio aos seus, ele pode agir assim, coitado, num triz vai se dar mal tomando alguma cacetada nos cornos. E olha que esse cacete, ele procurava me mostrar, não precisa vir da forma física como nós muitas vezes pensamos. Tem umas outras pancadas que doem muito mais. São as que batem lá dentro da gente, no coração. É um olhar, um gesto, um não nos ver, uma palavra mal dita, atitudes,

ações e palavras que querem fazer com que o pobre sinta a sua situação de menor, de invisível, a condição de alguém que precisa reconhecer o lugar que, claro, não é aquele onde está que lhe foi conferido pela sociedade e que tem mais é que retornar logo para o seu espaço de origem, onde deve permanecer confinado e submisso.

E por aí foram subindo parede acima as suas razoáveis palavras, construindo também em mim a consciência de que sem que tivesse me dado conta, no dia a dia, já tinha observado este comportamento das pessoas mais simples que ele me contara, mas nunca atinara do porquê dele nem lhe dera alguma mínima importância que fosse. Seu Milton, preto velho e esperto, me ensinou que o agir do pobre olhando para baixo e pisando macio é para que não sofra de novo com os já, tantas vezes vividos desde a mais tenra infância, sentimentos de exclusão e de não aceitação por parte duma sociedade que criamos e que é tão preconceituosa, da qual participa também e por causa disto tanto exclui, a nossa Santa Madre Igreja.

O que as pessoas que pregam e acabam por exigir um legalismo estéril dentro da Igreja precisam saber é que as vítimas principais desta sua postura são em primeiro lugar eles mesmos e depois os pobres. O que também quer dizer que muitos desses que rezam nesse catecismo têm o seu prejuízo dobrado, pois que já fazem parte da comunidade imensa e sempre crescente, devido ao modelo econômico vigente, dos excluídos e como se não bastasse essa exclusão, por opção própria escolheram também viver na Igreja esta postura de subserviência que tanto mal faz a nós leigos frente à hierarquia, ou seja, são vitimados duplamente. Mas aí tem um senão: caso esses pobres tenham feito realmente uma opção consciente por este seguimento, menos mal porque dentre outras possibilidades lhes foi dada a liberdade da escolha.

O que é terrível é que muitos dos que adotam essa linha legalista na Igreja a seguem porque em nenhum momento lhes foi dada a possibilidade sequer de pensarem que haveria outro caminho a ser seguido, uma outra via muito mais bela, rica e condizente com as palavras e atitudes de Jesus a ser vivida. Acho que seria algo assim o que escreveria sobre a lei ao diácono que nos fez a palestra. Caso fôssemos todos nós que lá estivemos e o ouvimos, cristãos com um conhecimento mais aprofundado da nossa fé, ainda vá lá, mas o problema é que dentre aqueles casais havia vários que tiveram um catecismo falho, o que os fazia presas fáceis de idéias retrógradas e distantes das que pregou Jesus quando viveu entre nós. O ofertório terminara e Robson aliviando-se do desconforto levanta-se num pulo, junto a toda assembléia.

## TIME

O padre está com sono. É a segunda vez hoje que tenho que acordá-lo, foi o que imaginou Alencar. Esses padres novos só querem diversão. Dão a vida por uma festa e saltam de

galho em galho de uma para outra no afã de aproveitá-las todas. Deve ter ficado até altas madrugada na comemoração de algum casamento que ele celebrou ontem de noite. No tempo do Padre Justino coisa assim jamais aconteceria. Nunca que ele aceitava convites para eventos desse tipo, exceto é claro as inocentes quermesses paroquiais, que essas são saudáveis e qualquer criança pode participar sem que haja a possibilidade dos seus pais levarem por conta disto o menor susto que seja, emendava em suas reflexões o ministro, já botando certezas em suas conjecturas no que sua fértil imaginação havia pensado ter sido a noite anterior do padre. Este não é um bom clérigo para a nossa comunidade, arrematou finalizando.

Alencar, 72 anos, já tinha visto e vivido de tudo, envolto que fora em muitas realidades diferentes nas comunidades em que vida afora seguira a fé. Várias vezes ele teve dificuldades com a postura que considera moderna e perniciosa da Igreja instituição de hoje em dia, sendo que em algumas delas chegou até a viver conflitos mais sérios com a galeria de sacerdotes e bispos que passaram pela sua existência, mas agora o caldo entornara mais quente ainda e ele tinha a nítida impressão de viver ali a sua crise mais severa com o clero. Alencar não entendia definitivamente a cabeça de Padre Rogério e considerava um despautério a nomeação pelo bispo de um sacerdote tão inexperiente e fraco para ajudar ao pároco em comunidades que são tão importantes e que possuem o seu modo de ser Igreja já totalmente estruturado, como era ali na capela em que nesses últimos anos vivia e trabalhava servindo à sua fé.

Uma comunidade, como ele gostava sempre de dizer, usando a imagem esportiva para deixar ainda mais clara a idéia que pretendia ver formada, que jogava por música. Aqui todos sabem a hora exata de atuar. Ninguém perde a bola deixando-a bater na canela. Aliás, minto, há que se por este verbo no passado. Ninguém desafinava, pois que agora, desde há dois anos, quando chegou aqui esse garoto, nós costumamos perder muitas jogadas para o adversário e temos tomado gols em todos os jogos, não conseguindo o nosso ataque, em contrapartida, marcar os tentos tão necessários para que vençamos os jogos da nossa fé cristã autêntica e pura. Depois de liderarmos a tabela por muito tempo estamos na lanterna. Esse padre novo acabará por rebaixar a nossa comunidade, levando-a de roldão para as séries inferiores até matá-la num futuro que se avizinha.

Para Alencar era mais do que evidente que o padre novo viera para agir ali entre eles como um dos sinais do final dos tempos e este era mais um exemplo do grande poder do diabo que andava cada dia mais potente na Igreja. Visto por outro ângulo, esta constatação até lhe dava consolo porque era prova de que a nova e tão esperada vinda de Cristo estava iminente. As pessoas são desatentas e não reparam que depois dele, o cujo, ter provocado tantas divisões no cristianismo, agora trabalha inserido no próprio clero, infiltrando esses padres moderninhos na casa de Deus. Será que ninguém vê que por causa dessa Igreja moderna os protestantes seguem para de tudo tomar conta e que só aqui na nossa rua temos cinco igrejas dos crentes? Não observam que em algumas delas há mais fiéis frequentando os cultos do que católicos na missa, vivendo aqui que é o verdadeiro templo de Deus?

Isto sem nem pensar, que isto eu não quero mesmo, nos tais muçulmanos que agora, impelidos mundo afora pelo demônio, quando não estão jogando carros bomba ou aviões por sobre alvos cristãos e judeus, eles estão que se explodem em meio ao povo depois de ter

amarrado na cintura um tanto de explosivos capaz de fazer a festa de muitas viradas de ano novo nas nossas cidades. O capeta está vivo e forte. Fortíssimo, mas se alguém pensa que isto é de todo ruim, está redondamente enganado. A força de satanás hoje em dia é prova de que o tempo do Apocalipse chegará breve e a vitória do Cordeiro aí será definitiva com nós todos que fomos fiéis juntos a Ele neste vale de lágrimas e provação, também unidos ao Senhor gozaremos da glória eterna.

Deus me perdoe por achar que esse padre dorminhoco é enviado do coisa ruim, mas não consigo parar de imaginar algo diferente disso, com as chances que ele me dá de pensar assim. Esta manhã mesmo já me vem este exemplo que me faz capaz de mostrar a ação do mal nele a partir da observação que faço do seu impacto negativo em mim. Não foi que depois de eu vir sereno e tranqüilo para a missa, após ter chegado cedo, cheio de contrição, tanto que daqui da sacristia até acompanhei a recitação do terço e encontro o padre mais desligado da tomada que urso hibernando no meio do inverno mais rigoroso? Peguei o homem dormindo enquanto a comunidade, toda preparada e de pé lá na nave do templo nos esperava. E não bastasse isto, agora vem ele dando esses sinais de impaciência passando a impressão de que devemos correr na procissão de entrada, como se tivéssemos que dar um pique depois de termos nos aquecido, saindo na boca do túnel de algum estádio para adentrar o gramado. Procissão sempre foi procissão, seja aqui, em Roma, ou na China. Tem que ser lenta, cuidadosa, cheia de reverência, temor e respeito. Entrar na igreja assim, rápidos como esse padre parece querer nos empurrar, só pode ser algum arranjo daquele que eu nem gosto de dizer o nome, para que eu e muitos outros fiéis tenhamos tirado a concentração e entremos para a celebração eucarística fervendo em raiva.

Não que eu seja contra ela, a tal da raiva, todo mundo sabe que ela tem a hora de sua necessidade. Não é a ira o pecado que é praticado por Deus? Graças eu te dou, Senhor, pela minha santa raiva, é o que rezo ainda na procissão já dentro da capela. Quem é aquele jovem casal que invadiu a nossa área privativa da terceira idade da Renovação? Pergunta-se já respondendo que os dois só podem ser gente do padre novo. Quando eles vêm e está escrito, a Bíblia já previra assim, não chegam de um em um. Vem em legião, bando, horda, exército da discórdia que invade o campo para mexer no nosso time, fazendo com que caia a qualidade do jogo de uma equipe tão boa, a da nossa Igreja e que estava vencendo todas as partidas até que eles foram, a princípio bem discretamente e agora, Deus do céu, invadem de forma descarada as nossas posições, sem o menor pudor de esconder as suas intenções malignas de ferir de morte as colunas, até então tão firmes, da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica e Romana. Não tenho dúvidas disso, vários deles eu bem conheço e dentre esses, vários dos enviados para a divisão e enfraquecimento do nosso time estão aqui agora espalhados diante de mim.

Quem conhecesse e olhasse para Alencar com um pouco mais de atenção poderia reparar a jugular grossa estufada no pescoço, o rosto mais vermelho do que o normal e o apertar nervoso das mãos, amassando bem mais do que seria plausível e necessário o folheto da missa que daí a instantes se iniciaria, enquanto mira com toda a força dos seus potentes olhos irritados, o casal que só podia ser do mal, pois que se sentou em lugar, que todos ali sabiam, já possuía donos e além de tudo mais, ainda dava mostras de não saber se comportar dentro da igreja, com seus muitos sorrisos e pouco disfarçado palavrear. Um

procedimento tão explícito dos dois que já havia sido reparado por ele nesse nem um minuto em que se encontrava posicionado diante do altar.

É esse o tipo de gente que invade a equipe da Igreja hoje em dia, um povo sem a mínima educação para a boa convivência numa instituição de fé como a nossa. Será que eles não tiveram pais que os punissem disciplinando-os quando faziam as coisas erradas? Com certeza que não. Estes aí só podem ser filhos de pais descasados. É o que sempre digo, foi o divórcio a segunda posição que o diabo conquistou no nosso time. O primeiro lugar que ele tomou, diferentemente do câncer do divórcio que foi uma posição de ataque, está localizada na defesa e atende pelo vistoso nome de Concílio Vaticano II. Depois dele ficou desguarnecida totalmente a nossa retaguarda, deixando que o inimigo entrasse livre e trocando passes com a bola dominada, sem que ninguém lhe fosse dar combate, desse um carrinho na bola ou mesmo prendesse as suas pernas, lhe fazendo uma falta, tornando assim a defesa escancarada para que eles façam em nós esses tantos gols.

Vendo-me aqui em cima ao lado do celebrante no altar, muitos paroquianos podem até pensar que mudei de lado e agora, depois de tantos anos de luta, baixei as armas, aliás, melhor dizendo, podem achar que dependurei as chuteiras. Enganam-se redondamente aqueles que pensam assim. Os que me conhecem bem sabem que não deixo fácil o campo. Principalmente se a hora é difícil e o jogo está sendo perdido, mesmo que seja de muitos gols a diferença, como acontece agora. Jogo até o final com garra e denodo. Sou fúria na defesa e lança de ponta afiada e cheia de veneno no ataque até que o juiz supremo, o Senhor Deus, apite o final do meu jogo. E não pensem vocês que estou cansado. Caso preciso seja, apesar da minha idade avançada, estou pronto para prorrogações e até para bater decisivos pênaltis na defesa das bandeiras da Cristandade.

Aceitei o convite para ser ministro da eucaristia porque julguei que neste posto tenho melhores e maiores condições de lutar pela verdadeira fé. Uma pena, penso novamente, o povo ser tão desligado. Fossem como eu, mais atentos, teriam percebido como o padre, aqui do meu lado está dormindo. Pobres fiéis, pois que de uma outra forma também dormem como o sacerdote aqui no altar. Devem pensar que o Padre Rogério medita de olhos fechados e até são capazes de tecer elogios a tamanha contrição. Eu, aqui bem junto dele, tenho certeza de que o gajo está em outros campos, bem longe. Quem sabe até, e que Deus há de me perdoar caso esteja errado meu pensamento, mas nós que convivemos mais de perto com esses padres da modernidade sabemos bem como eles são tão frágeis para estas coisas da carne, ele na certa sonha com alguma dessas mocinhas doidivas do grupo de jovens que deve pelas suas graças estar bulindo com o coração dele.

Terminadas as duas leituras a assembléia se põe de pé para o canto de aclamação ao Evangelho e Alencar, sabedor de que o padre voa bem alto e longe e sem dar mostras também de que possua alguma consciência de que também ele está bem distante dali da celebração, cutuca-o pela segunda vez naquele dia, tentando ser sutil, e graças a Deus, conseguindo o seu intento. Enquanto se levantam junto aos coroinhas, alguns segundos depois do povo já ter se levantado Alencar, olha de esguelha para o padre tendo presente no rosto um sorriso misto de ironia e raiva.

Começa a homilia e de imediato retorna aos seus devaneios, não sem antes ter visitado com os olhos os jovens novatos que, no seu modo de ver o mundo, só podiam ser gente que viria trazer mais dificuldades ainda do que as tantas que eles já possuíam na comunidade, reforçando bem mais as posições do time inimigo. Volta à infância e juventude para se lembrar das celebrações do passado. Antes havia mistério, muita reverência e respeito absoluto nas missas. No meu tempo a gente nem via durante a maior parte da missa o rosto do sacerdote, nem as suas mãos e o que elas faziam escondidas, até que, maravilha das maravilhas. Ele lá virado para o altar levantava o Corpo e o Sangue de Cristo. Hoje se perdeu esta dimensão sagrada e misteriosa que havia na celebração católica. As missas são feitas sem o cuidado e a beleza que a liturgia antiga exigia e tanto prezava.

Esta igreja de hoje não tem peso, não tem força. Não mandamos mais nada. Na política, nem vereadores católicos nós conseguimos eleger hoje em dia. E nem quero pensar nos deputados, mesmo que sejam dos menores, os estaduais. Católicos em cargos executivos? Esses nem em sonhos mais ousados somos capazes na atualidade de imaginar. Antes eu reclamava e sentia muita falta da ausência dos partidos cristãos e dos seus candidatos fortes e vencedores do passado e não tímidos e parecendo envergonhados como aparentam ser os candidatinhos de hoje. Os gatos pingados que vez ou outra teimam em aparecer se identificando, com coragem, como verdadeiros candidatos católicos apostólicos romanos são raríssimos, ao contrário dos irmãos frouxos, pois que desses há milhões dando sopa por aí. Os católicos são tão moles e aqueles irmãos da fé em quem votei e acreditei nos últimos anos e que poderiam ter iniciado uma carreira vitoriosa de homens de crença e vida efetiva na verdadeira Igreja, tanto me decepcionaram que na política tenho preferido de uns anos para cá anular o meu voto.

Os protestantes de agora, esses que são das denominações mais modernas e que jogam sempre no ataque e não aqueles antigos das igrejas de retranca e acomodadas do passado, pois que esses bíblias da reforma de antigamente mais se parecem aos nossos católicos frouxos, pois que são também, como nós, jogadores de times que jogam e perdem de muito, levando olé do inimigo pelo mundo afora. Consolo, o único que me resta é que ainda temos gente que resiste, como esses irmãos que estão em torno do par jovem e sem educação. Bom reparar que nos últimos tempos este consolo tem até crescido em mim, pois tenho notado que em nossas cores têm aparecido, além de nós, os mais velhos, também jovens bons de bola da fé verdadeira para jogar. Surpresa boa demais é ver na televisão uns programas em dois ou três canais que falam essa nossa língua. Refletindo melhor e deixando um pouco de lado a raiva, reparo que não é pouco o meu consolo. Apesar de padres como esse que, azarados, tivemos que engolir há muito sinal de que as colunas da igreja verdadeira ressurgirão fortes e que teremos de novo conosco o poder religioso e político, que jamais podíamos ter perdido, reunificados na cátedra de Roma.

## MULHER

Mais uma missa que não me apresenta novidades no seu começo. Eis aí mais uma igreja que só tem homens na procissão de entrada. Nunca fui capaz de entender este mistério. A coisa mais difícil de se ver é uma mulher participando da equipe de auxiliares que entram com o sacerdote para a celebração da missa. Alguém do sexo feminino sentada lá em cima ao lado do presidente da celebração é algo mais difícil ainda de se ver. Olhando com atenção para o grupo que sai da sala ao lado do sino que tocou há cerca de um minuto, Mônica observa a pequena procissão que caminha célere rumo ao altar e repara que, como de costume, só pessoas do gênero masculino a compõem.

Conquistamos uma larga fatia do mercado de trabalho, temos já em muitos lares a participação dos nossos maridos na condução dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, acessamos já quase quanto os homens os bancos escolares, sendo que em alguns cursos de terceiro grau, antes praticamente de uso exclusivo masculino, hoje chegamos a ser a metade dentre os alunos, temos os mesmos direitos e deveres dos homens perante às leis que nos regem, muitas de nós têm cargos executivos nos estados e municípios de todo o país só nos faltando, e o tempo dessa conquista virá breve, disso eu tenho certeza, a assunção de uma mulher ao cargo maior de presidente da república. É lastimável que só não tenhamos conseguido avançar na reconquista desse espaço. O de também conduzir e liderar o povo de Deus que já foi nosso um dia na Igreja primitiva.

Mônica dirige o olhar primeiro para os bancos da frente e logo após, também para os lados e percebe serem elas, as mulheres, a maioria no templo nessa manhã de domingo. É paradoxal isto que acontece, ela segue a reflexão, apesar de sermos ampla maioria em quase todas as celebrações e eventos religiosos que acontecem ao redor do mundo, acho até que somente não temos a maior presença feminina, é claro, nos mosteiros masculinos e nesses grupos radicais de direita presentes na Igreja, praticamente só nesses lugares não vamos encontrar mais mulheres do que homens celebrando a Eucaristia.

Lá na Amazônia, naqueles três meses de férias que tanto bem me fizeram, tempo em que pude trabalhar como voluntária junto às comunidades espalhadas pela floresta adentro, muitas delas sem ver um padre há meses e sendo lideradas com toda a competência e carinho por mulheres religiosas e leigas. Todas aquelas que pude visitar eram comunidades vivas, vibrantes, com gente comprometida no seguimento de Jesus e que em nada ficam a dever àquelas outras das zonas mais urbanas que são dirigidas pelos padres. Não estarei sendo feminista e puxando a brasa para o meu fogareiro, ao pensar que envoltas em mãos femininas essas comunidades não se encontram mais bem atendidas do que se estivessem cuidadas pelos homens? Temos mais sensibilidade, somos mais atentas às necessidades dos pequenos e excluídos e além dessas duas que listei, identifico em nós, e aqui está uma prova cabal dela, essa outra vantagem competitiva que possuímos em relação aos homens: somos em maior número na Igreja.

Mônica sorri agora ao se recordar de Irmã Lourdes, freira que acompanhava e apoiava tantas comunidades dispostas num raio de mais de duzentos quilômetros, lugares sem estradas que fossem dignas de serem chamadas por este nome. Em uma dessas viagens, dizia para ela, e recordar-se disso a fazia rir, que além de tudo o mais, nós, as mulheres, somos bem mais fortes, inteligentes, espertas e competentes que os homens. Duvido, ela me dizia, enquanto dirigia saltando com o jipe pelas quantidades de buracos, ao mesmo tempo

em que dava as suas sonoras gargalhadas, que haja um padre na diocese que agüente o tranco que eu e as outras irmãzinhas suportamos neste mundão do Deus dará. Quando eles, depois de muita insistência nossa, viajam para cá nos acompanhando a estas capelas por nós assistidas, só fazem reclamar. Falam dos caminhos ruins, do termos que andar com eles longas distâncias a pé e a cavalo, das travessias, até com a água nos chegando às coxas de igarapés, dos piuns que são esses mosquitinhos da bunda branca que você não conhecia e que a eles foi apresentada da pior forma possível, ao se descobrir alérgica às suas dolorosas picadas e relembrando isto, lhe vinha mais uma sonora gargalhada, das muriçocas e outros muitos mosquitos diurnos e noturnos, dos carrapatos, do ter que dormir em redes. Sabe que eles são uns moleirões?

Agora, como se tal coisa ainda fosse possível, Irmã Lourdes ria ainda mais alto, ao mesmo tempo em que com a sua habilidade ao volante, fugia do atoleiro que convidava o jipe para uma parada de descanso naquela baixada em meio à floresta que parecia não levar a lugar nenhum. Só tem uma coisa que não os vi alguma vez reclamarem dela. Advinha qual é? Sem nem dar um segundo para que eu tentasse uma resposta, ela continuava sua fala respondendo para mim que era da comida. Nesse fim de mundo é Jesus Cristo no céu e o padre aqui embaixo na terra. Como eles são muito raros e lá vinha nova gargalhada, são tratados por estas bandas a pão de ló e rosca da rainha. Ah, minha querida, por aqui, quando chega um sacerdote, mata-se o novilho mais cevado, o leitão mais gordo e aqueles que são mais pobres na comunidade não vão deixar de sacrificar a melhor galinha do galinheiro, aquela que era guardada para curar o resguardo do próximo parto da dona da casa. Padre, são eles quem afirmam, é tão difícil que deve ser tratado como se anjo fosse.

No relembrar da viagem Mônica não deixa de considerar que o povo tem total razão ao chamar de anjos os sacerdotes. Não são os anjos os portadores da mensagem de Deus e não é nada mais nada menos do que esta boa nova o que eles levam aos fiéis? E num gesto de assentimento que faz com a cabeça ela vê que ali se encontrava uma prova de que o povo de Deus na sua simplicidade tem sabedoria. O único senão que faço é porque não vi, a não ser em umas duas ou três saudáveis exceções, famílias que dessem às freiras o mesmo tratamento que era por eles reservado aos padres.

Tanto quanto os clérigos, Mônica fala para si mesma, também as religiosas são anjos de Deus e como tais merecem ser tratadas. Acostumados a associar à figura masculina o exercício do papel de líderes nas comunidades, por eles estarem investidos do poder que lhes é concedido pelo Sacramento da Ordem como sacerdotes ministeriais, os padres passaram a ter nas comunidades católicas um tratamento que chega até, quando psicologicamente não se encontram saudáveis, a gerar um certo afastamento deles do convívio com o povo, por passarem a se considerar posicionados acima deles, esquecendo-se de que uma das maiores características sempre explicitadas por Jesus em suas palavras, atitudes e atos era a de ser um servidor e estar sempre ao lado dos simples e excluídos. Não se lembrando que o seu ministério e isto até etimologicamente, ele se resume na palavra serviço, esses imaturos sacerdotes acabam por se fazerem servidos sempre pelo povo ao qual deveriam servir.

Nós, as mulheres, conseguimos nos achar mais, colocamo-nos entre eles, somos aceitas como alguém mais que vem para trabalharmos juntos, homens e mulheres bem vindos no

mutirão da vida. Eles têm mais dificuldades em serem empáticos. Até porque lhes é exigida uma postura multissecular de líderes, o que faz com que sintam uma certa resistência em se juntar ao grupo, sendo-lhes mesmo exigida por parte do povo uma certa distância crítica para que possam melhor deliberar sobre os rumos a serem tomados comunitariamente, direções essas que teriam que ser definidas em grupo por todos, leigos, religiosos e sacerdotes e não somente pelos padres que lideram as comunidades. Coitados, nesse aspecto nem eu nem ninguém lhes pode imputar culpa, pelo menos não são culpados os padres de hoje, pois que recebem uma herança. Muitos dentre eles têm dificuldades em transformar as untuosas e cheias de salamaleques formas de tratamento da Igreja triunfante da cristandade e que vêm trazidas carregadas de geração em geração de sacerdotes pelos séculos afora, em estruturas de serviço e de participação solidária na comunidade. Nesse modelo de igreja, no qual o poder se concentra na hierarquia e a todo custo deve nela ser preservado, em detrimento do poder sacerdotal distribuído também em partes justas pelos leigos já que nós todos também somos sacerdotes como batizados. Sim, porque o Batismo nos torna todos e todas em sacerdotes. Eles, os ministeriais e nós, os leigos, sacerdotes régios.

Intrigante, enquanto reflito sobre a questão da mulher na Igreja o pensamento, voando alto, levou para a mesma nuvem o papel da mulher e também a questão do povo de Deus perante a hierarquia. Povo e mulheres somos, como nos tempos bíblicos, os anawin de hoje em dia, os pobres de Javé, esses a quem o Senhor mais revela as maravilhas dos seus mistérios. Esta dimensão do povo de Deus, tradicionalmente pobre no sentido maior da tradição bíblica que a palavra comporta, pois junta dentro dela, além dos excluídos tradicionais, também todos aqueles que se põem vazios, para que dentro dos seus corações haja espaços abertos e livres, prontos para receber o amor infinito de Deus. Trata-se duma dimensão que devemos resgatar, de que somos pelo nosso batismo e não somente nós, as mulheres, mas também os homens, além de sacerdotes, também reis e profetas.

Eu, Mônica. Eu, mulher. Eu, rainha. Mônica I, não é que o título nobre até que fica bem em mim? E ela sorri sozinha do pensamento louco, sentada ao lado do marido naquele banco apertado, ao mesmo tempo em que tem que jogar o corpo mais para diante, por não haver espaço disponível para que os seis moradores daquele assento pudessem ter todos eles as costas apoiadas em seu encosto. A posição desconfortável mais avançada em relação aos vizinhos ajuda-a para que seu sorriso não seja percebido por Robson. Com dificuldade gira um pouco o corpo e olha-o de soslaio, este não é o trono que mereço, pensa sorrindo, ao mesmo tempo em que se dá conta de que, absorto na celebração, Robson está muito longe para notar o que se passava ao lado com a sua rainha, que bom, pois tudo que Mônica queria era não ter que lhe explicar as reinações que lhe vinham, ali naquela primeira missa que na nova comunidade ela participava.

O espocar do som forte da batida da bateria, marcando o ritmo do canto, conclamando o povo para que aclamasse a proclamação do Evangelho, remete-a, enquanto aliviada se levanta, à infância e às celebrações do mês de outubro em sua cidade natal. Protegidas pelos olhos cerrados, passam dentro das suas retinas o desfile dos congados. À frente vem a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e logo atrás dela, coroados e com a sua melhor roupa vão passar a rainha e o rei do congado. Aí estão cristãos que nunca perderam a sua dignidade apesar de que são todos excluídos em dobro, primeiro por serem negros e

também porque todos eles são gente bem pobre. Lá à moda deles, é bem provável que de uma forma inconsciente, desfilam e resgatam as suas realidades originais, legítimas do batismo enquanto dançam batendo forte os pés no chão pelos calçamentos tão irregulares, construídos pelos seus antepassados, de pés de moleque das ruas da minha meninice. De pé, Mônica I, a rainha, faz força para se manter atenta à leitura do Evangelho.

## CEGUEIRA

Escondidos por detrás das grossas lentes dos óculos retangulares muito mais apropriados para enfeitarem rostos jovens, os belos olhos de uma cor verde puxada para o cinza de Nadir estão fixados firmes sobre o jovem casal que sussurra ao lado. Esforça-se por parecer duro e descontente aquele velho e vincado rosto de avó acostumado desde sempre à ternura, aumentada ainda mais de uns anos para cá pela chegada dos dois netos. O sorriso encabulado que o seu empinado olhar recebe de volta fez com que duvidasse de ter alcançado êxito em demonstrar irritação e desconforto. Esse olhar desconcertado de retorno do jovem que pelo brilho da aliança no anelar esquerdo só podia ter se casado há bem pouco tempo, a fez recordar aquele domingo à tarde, faz três anos, quando sozinha com Rodolfo em casa, fazendo a regulamentar sesta dos tempos desde a aposentadoria sua e a do marido, chega esbaforido, como se lhe faltasse chão e ar, o filho único Alexandre.

Olhar de mãe não se engana e vi no seu rosto, recorda, a desorientação e tristezas imensas. Os olhos daquele homem grande que saíra de dentro de mim tão pequeno e indefeso, tornaram aos meus naquele instante de forma toda frágil e desesperançada. Senta aqui conosco na cama, meu filho. Foi o que pude lhe dizer e era essa a primeira e mais necessária coisa que ele ansiava. Desabou em nosso meio aquele homenzarrão de quase dois metros de altura. Não sentou. De braços, rosto escondido entre os dois travesseiros e os braços recolhidos sobre o peito, ele veio.

Rodolfo e eu delicadamente o abraçamos sentindo pelo balançar do seu corpo o choro sentido e silencioso que liberara. Acabou. Dessa vez consumou-se a separação. Foi essa a certeza que tive tendo de novo sob meus braços, o filho que tantas e tantas vezes acalentara e fizera dormir afastado dos medos e demônios trazidos pela descoberta do mundo, desde aquele momento de tanta felicidade para mim, em que Alex saiu do aconchego das minhas entranhas. As primeiras lágrimas brotam e permanecem penduradas nos cantos dos meus olhos que ali na cama estavam desprotegidos da armação e das robustas lentes da minha muleta visual. O que poderia lhe dizer? Que não queria que sofresse? Que, ah, minha loucura, teria preferido que dentro de mim, sempre protegido de todos os males e dificuldades do mundo, Alex tivesse permanecido?

A cantiga de ninar salta da boca sem que eu tivesse lhe dado o comando para sua saída. Expressão de espanto e de muita reprovação Rodolfo deveria ter na cara fosse eu capaz de bem enxergá-lo, ele, da outra banda da cama, levanta o rosto e sinto que quer que eu cesse com a absurda canção, no seu modo de ver, totalmente descabida para aquele momento. Nessas horas muito me ajuda a cegueira e só precisei fingir que não havia sentido a sua muda ordem para que calasse a boca. Continuei, como tantas e tantas noites fizera. “Vem pegar Alex que tem medo de careta...”.

Estes jovens, além de nos apertarem invadindo o nosso banco, vêm ainda trazer-me essas tão tristes recordações. Não que tenha muito desgosto de lembrar esses fatos. Eles fazem parte da nossa história e nunca poderei, nem que pudesse ou mesmo numa hora de insanidade eu quisesse, esquecer-los. Busco a mão do meu marido e por um instante consigo prestar atenção à leitura da missa, perdendo-me logo em seguida, de novo, nas brumas das lembranças daquele final de semana. A mão do meu homem, bem mais quente e forte do que a minha, traz segurança e a aperto firme prendendo-a nesses momentos em que a tristeza se alastra dentro de mim.

O tempo passou vagaroso até que se acalmasse. Meu repertório de cantigas de ninar foi repassado umas três vezes. Solfejei, relembrei melodias das quais nem me lembro mais das letras cantando a “boca chiusa”, bem baixinho, no seu ouvido. Entendi a virada que deu no leito olhando agora para um ponto fixo no teto, como a senha para que eu desse por encerrado aquele íntimo recital. Permanecemos assim, os três naquela cama em silêncio de se poder ouvir o deslocamento do ar causado pelas asas dos anjos que, do alto do céu, tinham sido enviados pelo Divino Espírito Santo para consolar meu filho e que ali no quarto nos rodeavam voando e muito nos abençoando.

Começou a falar então segurando forte a nossa mão e não parava mais. Palavras que vinham aos borbotões sem nos proporcionar espaço que fosse, no pouquíssimo intervalo que havia entre elas, para que pudéssemos também inserir as nossas perguntas, pois que precisávamos entender melhor e mais profundamente tudo que tinha acontecido e que o coração de mãe que em mim bate, gritava que não haveria volta. Contou-nos que não houve, como das inúmeras vezes passadas, nenhuma discussão ou briga e era isto que fazia com que tivesse a convicção que dentro de mim também já existia, de que era o final da linha. Acabou por tudo ter se esvaído. Terminou, era o que nos dizia, não foi de uma ferida grande por onde, aos jatos, tivesse saído todo o sangue que mantinha vivo o amor. Acabou ferido que fora de machucado de não se dar atenção, coisa pequena que deixava rastros pouco perceptíveis no caminho do casal aos quais não se deram os devidos e necessários cuidados. Pingos que secaram da mesma forma como também havia se tornado seco o amor que uniu um dia o meu filho à sua mulher.

Rodolfo, tão calado estava que até achei que tivesse dormido, resolve participar da conversa consolando o nosso filho e, naturalmente, entra torto, de uma forma assim meio enviesada na conversa que era mais um monólogo, pois que até aquela hora só Alex se pronunciava. Tentou consolá-lo então dizendo que aquilo tudo passava, que não dava nem uma semana para que os dois estivessem de novo felizes nos braços um do outro. Foram essas frases como que a esperada senha para que o choro dele voltasse e entre soluços lhe respondeu que esquecesse. Que aquele não tinha sido o fim de um capítulo, mas do

romance todo, feito final definitivo e fatal como a morte é e que não havia mais nada que fosse capaz de uni-los de novo, ou que os fizesse imaginar pelo menos em sonho que haveria alguma escondida via que poderia ser trilhada na esperança de que ainda fosse possível um fio que fosse de possibilidade de se refazer o casamento.

Não que meu marido tenha entrado de todo errado na conversa difícil. O problema com ele não era o conteúdo, mas a forma como ele se portava falando nesse tipo de conversa mais delicada. Dizia e as suas palavras fizeram com que me viesse ao coração uma tristeza mortal porque me lembrei de Deus e do juramento que os vi fazer diante do sacerdote. Como garantir que não tinha mais nada que unisse o casal? O sacramento podia dizer que tivera fim sem ao menos conversar com um padre, aconselhar-se? Ficariam os dois, meu filho e sua mulher, em pecado para sempre? Estava Alex, meu amado filhote assinando ali a sua eterna condenação? E Drica e Tomás não contavam? Não existiam? Não eram levados em consideração em meio às ruidosas e crescentes crises no relacionamento dos seus pais? Duas lindas e inocentes crianças, Drica àquela época com oito e Tomás com seis anos, que eram os dois quem mais iriam sofrer com o término do matrimônio e que nas palavras do pai deles ali na nossa cama não foram consideradas.

Meu querido filho, que raiva imensa eu tive de você ali deitada. Vontade de soltar a minha mão da sua. De supetão. De colocá-lo, ríspida, para fora do leito, de dizer-lhe palavras bem duras, fazendo com que você, Alex, sentisse quão errada e dura tinha sido a sua resposta a Rodolfo. Mas me contive. Trinqueei os dentes e mantive arregalados os olhos até que eles, já normalmente tão incertos, parecessem estar cobertos por camada de milhares de grãos de finíssima areia. Sem o corrimão que me proporcionava o par de óculos, mantê-los firmes fixos apontando para algo ou mantê-los cerrados, exceto pelo desconforto que me causei com os olhos abertos além do tempo em que necessitavam serem molhados do cuspe da piscada, causava bem pouca diferença, pois que me faltam as definições dos contornos das coisas para as quais olho.

Proceder desse jeito me acalmou e pude pouco a pouco me colocar lá dentro daquela raiva dele. Era aquela uma ira que nem podia se comparar à minha de tão grande que era e que crescera devagar, pois fora curtida, não por um momento, mas durante um longo tempo e que meu filho sentia ali no nosso meio. Raiva que não chegava só, que vinha acompanhada de um sentimento de vazio e de incompetência por ele, junto com a esposa, não terem dado conta de segurar a barra do casamento.

Barra do matrimônio? Não sei porque usei esta expressão. Hoje já penso diferente e como o sofrimento causado em nós pela separação e principalmente por aquela questão do pecado, de se dar cabo a algo que fora selado diante do altar de Deus, um exato como esse aqui diante de mim agora, na frente do qual Alex e a sua mulher tinham jurado que iria durar para sempre o seu amor. É verdade, me espanto com o tanto que mudei e como vejo todo o acontecido hoje de uma nova maneira, com novas lentes. Por isto estou mais leve, mais integrada comigo mesma e bem mais perto de Deus. A dor causada em nós todos pela separação na família me amadureceu e me fez compreender que essas coisas não são nem um pouco simples como desde jovem eu fora acostumada a imaginar. Não dá para aprender a nadar sem cair na água e foi preciso que o problema caísse pesado, como se fora um

meteoro, de uma vez, sobre nossas cabeças, para que eu tomasse consciência do tamanho da dor e do sofrimento que a separação provoca.

Casamento, hoje eu sei, não pode ser uma barra a ser suportada constantemente nos fazendo infelizes. Como me fez bem ouvir daquele padre velhinho, do qual nunca soube o nome e que me atendeu em confissão durante o encontro da Renovação Carismática que fomos com nosso grupo de oração em Aparecida do Norte! Lamentava com ele, aos prantos, o término fazia um ano da união do meu filho e da minha tristeza por considerá-lo condenado por Deus pelo fato de ter traído o sacramento do matrimônio. Ele me perguntou então, falando muito baixo e tendo que repetir a indagação, pois que da primeira vez não o havia entendido, se Alex e a sua mulher eram felizes quando viviam juntos? Claro que não, eu de chofre tive que lhe responder. Viviam como cão e gato brigando o tempo todo e, pior ainda, depois por Drica eu soube, que até agressões físicas entre os dois havia naqueles tempos de casados. Abrindo bem os braços como se quisesse me abraçar e com aquele sotaque estrangeiro que não consigo identificar de que país seja, ele me disse sorrindo e aumentando a voz que até sou capaz de achar que as pessoas que atrás, na fila, já deviam estar ansiosas com a demora da minha confissão devem ter escutado, que eu não tinha com o que me preocupar porque Deus não havia criado ninguém para ser infeliz e que se depois de terem tentado tudo eles chegaram à conclusão de que para que fossem felizes, eles e os seus filhos, melhor seria mesmo que se separassem e ele, como sacerdote não achava que estivessem em pecado e que muito menos ainda já estivessem por conta disto condenados por Deus a viver as suas eternidades lá nas tristezas dos infernos. Sorria, minha irmãzinha. Deus não é tão mal assim como nós somos. Ele é amor e misericórdia sempre juntos. Ele nos ama a todos muito mais do que sejamos capazes de imaginar e nenhum filho Ele quer que seja infeliz. Nem a sua nora, aí ele completou, falando ainda mais baixo e piscando matreiramente para mim o olho direito.

E aquele sacerdote tão feliz nas suas palavras, continuou a comprida confissão falando-me que se eles não eram felizes, Deus também era infeliz com eles e que a separação nesses casos era o melhor caminho. Minha filha, ele disse por fim, com tudo que você me contou, sou capaz de apostar que até para os seus dois netos foi mais razoável que tudo houvesse terminado. Peguei-me então balançando afirmativamente a cabeça. O padre tinha toda e plena razão. Os meninos que eram tão assustadiços e que choravam tanto por qualquer bobagem, agora estavam muito mais tranquilos e até os seus comportamentos na escola e as suas notas haviam sensivelmente melhorado e deste fato eram mais do que testemunhas os boletins escolares. Foi aí, exato nesta hora, que tive a iluminação do Divino Espírito Santo e com a clareza que esses meus olhos sempre tão embaçados nunca têm, pude ver o quanto tinha sido bom para todos os personagens de nossa triste história, eu e Rodolfo também incluídos, que tudo tivesse terminado. Casamento para ser casamento mesmo tem que ser como o meu e o do Rodolfo que é como também espero com muito carinho que seja o desse casal desconhecido aqui do meu lado. Tem que nos fazer felizes e nos levar em consequência disto para Deus. Ao contrário de mim, que mesmo tendo eles tomado o nosso lugar preferido aqui na capela, não fiquei nem um pouco incomodada com isto e até os achei bem simpáticos, apesar desse jeito deles de serem muito conversadores, ao contrário de Rodolfo, aqui do meu lado, conheço bem o meu homem, que está se remoendo todo pela presença do casal jovem aqui no nosso lugar. Que pena, porque sem que disso tenham culpa ou acaso pudessem pelo menos imaginar, eles estando aqui conosco, estragam a

missa do meu marido. Como eu gostaria se o Espírito Santo me desse essa graça de tornar o meu marido menos rabugento. Caso ele fosse mais tolerante nem um pouco este simpático casal o estaria incomodando.

## VISÃO

Que audácia a desses dois garotos sentando bem aqui no meio do nosso banco. Foram estas as palavras de Rodolfo ao perceber, quando ainda faltavam uns bons metros até a chegada ao seu banco e sem que Nadir fosse capaz ainda de lá na frente enxergar algo que não fossem formas indefinidas. Chegando ao banco privativo, ao contrário da sua mulher e também de Totonho e Abigail que deveriam se sentir incomodados com a presença daqueles jovens em seu meio, ele logo se tranqüilizou pensando lá com seus botões, em meio aos murmúrios reclamatórios de Nadir, que havia alguma coisa, com a qual ainda não atinara, mas que até que a encontrasse iria remexer em todas as gavetas e desvãos da memória, até achar o que fosse essa semelhança que existia entre essa moça e Bianca a antiga esposa do seu filho Alexandre.

Diferentemente de Nadir que desde o início do namoro entre os dois tivera sérias dificuldades com a nora, eu sempre tive uma relação muito positiva com Bianca. Gosto da menina e sinto que, mesmo depois de tudo que entre eles aconteceu, ela também gosta de mim. Tínhamos longas conversas, entre nós havia vários interesses comuns e nos alegrávamos quando os descobríamos. Minha ex-nora me contara que eu lhe lembrava o seu avô, falecido ainda quando ela era muito criancinha. Do meu lado eu lhe dizia que ela me recordava a filha que queria ter tido e nunca tivemos, pois que somente somos pais de Alexandre. Ela, rindo, perguntava-me como podia se parecer com alguém que não tinha existido e eu lhe respondia indagando dela como também podia achar-me parecido com o avô lá dela que havia falecido quando ela era ainda praticamente um bebezinho e do qual, segundo ela mesma me contara, muito vaga lembrança tinha e nenhuma fotografia dele lhe haviam algum dia mostrado.

Fui eu quem primeiro notou que entre os dois tinham começado os problemas. Apesar de que para Nadir eu não pareça, sou muito observador e tenho certeza de que antes que ela ao menos sonhasse que na casa que o nosso filho construía existiam umas pouco perceptíveis trincas, eu já as havia reparado. Fiquei calado então. Julguei que não era ainda o momento de comentar com a minha mulher o que eu via. O que no meu modo de entender as coisas eu devia fazer foi exatamente o que eu fiz: orei por eles. Rezei muito para que não deixassem que aquelas rugas e dificuldades iniciais tomassem vulto. Afinal, além deles dois, havia também as duas crianças e eu notava que no meio daquele turbilhão que pouco a pouco foi se formando naquele lar, os meus netos eram os que se encontravam mais vulneráveis e desprotegidos.

Crise é inerente à vida de qualquer casal que queira viver um relacionamento sério e responsável. Não há escapatória, todos os casais têm crises. Até hoje, e lá se vão mais de

quarenta anos de vida a dois, temos os nossos arranca-rabos. Dos principais sou capaz de me recordar até no nível dos detalhes. Quem diz que tem uma vida de casados há algum tempo e que não passou ou vive uma crise, ou se engana e não tem vida a dois ou está alienado e não é capaz de perceber as dificuldades no seu relacionamento.

Modéstia às favas. Reparo muito bem nas pessoas próximas. Sinto-me uma exceção nessa questão de ser homem e ser observador. Noto que geralmente são as mulheres a perceberem os sinais iniciais de que a convivência não vai bem e começa a balançar. Elas reparam isto e vêm logo pra cima da gente com uma história de repensar e avaliar a relação. Meu Deus, como eu me estressava quando nos primeiros anos de casados lá me vinha Nadir com este tipo de papo! Naquele tempo eu ficava fulo de raiva e considerava como conversa mole, autêntico papo furado, uma tediosa e perfeita lengalenga. Hoje estou, quem diria, transformado. Têm horas que nem me reconheço e dou, ao contrário daquelas épocas, muito valor pelas ocasiões em que ela me pegava pelo pé, me fazia parar e olhar para trás, revendo a caminhada por nós dois feita e verificando nela o que não mais deveríamos repetir. Nadir tanto fez que acabou por me convencer mesmo de que aquilo era conversa séria e não somente papo furado. Isto eu ponho na conta de que foi porque ela é muito gente fina, uma autêntica pedra noventa, e não ficava só batendo na tecla do negativo comigo. Com o jeitinho que lhe é peculiar e todo afetuosos, ela sabia como ninguém valorizar o que tinha acontecido de bom no nosso casamento. Que ótimo que foi ela que Deus me deu porque têm mulheres que são terríveis. Hienas que só vêm as misérias e as merdas que a gente faz. São totalmente cegas para as coisas boas que, por mais que a crise esteja grande, teimam em acontecer nas nossas vidas.

É isto, a gente acaba por se tornar cego e insensível, incapaz de perceber a graça de Deus planando à nossa volta. Pensando bem, fui muito injusto com as mulheres e reconsidero o que acabo de refletir. Não são só mulheres que são danadas só enxergando o que há de ruim. Têm muitos companheiros homens que também são nós cegos. Uns até são daqueles agarrados parecendo nós molhados que viram uma bucha e que nem cristão de muita reza e paz com Deus consegue desatar. A esses tais falta total competência para sacar algo positivo na mulher ou na vida de casa. Incapacitados de pai, mãe e vizinhança para o mínimo reconhecimento ou elogio quando algo de bom lhes faz a companheira.

Uma pena que nas nossas compridas conversas em nenhum momento Bianca tocou no tema do a quantas andava o seu casamento com meu filho. Ao mesmo tempo me vem a dúvida. E se ela tivesse abordado comigo esse assunto tão delicado? Teria tido eu condições de compreendê-los e ajudá-los? Ou seria mais um a chorar e a lamentar com ela em cima das dificuldades que o casal enfrentava? Isto até hoje, tanto tempo já decorrido, me martela a consciência, pois mesmo não tendo nunca me falado sobre a crise do seu casamento, eu muito bem a percebia e nesse caso poderia ter sido eu quem deveria ter desentocado a lebre na tentativa, por mínima chance que existisse, de salvar aquele casamento de pessoas que são por mim tão queridas.

Lembro aquele domingo fatídico em que tudo terminou. Alex chegou, estávamos deitados após o almoço, abriu a porta de casa com a sua chave e deitou-se em nosso meio. Chorou feito criança. Chorou muito mesmo. Eu em silêncio desabei todo das minhas vergonhas e chorei também com ele. Em mim havia a esperança de que aquela era uma crise a mais e

que, como as outras já acontecidas, também esta passaria e eles tornariam às boas. Eu estava enganado e Alex tinha razão quando com muita ênfase ele nos confirmou que tudo terminara e que não existia a menor chance de que ocorresse um reatamento entre eles dois.

Demorei a entender aquilo que para mim soava paradoxal. Quando há briga séria tem volta, ao contrário do que ocorrera daquela vez em que sem ter tido briga alguma tudo tinha, no modo de Alex perceber as coisas, terminado. Passei a reparar a partir daí que as crises costumam ser bem mais sérias e sem retorno quando o casal se acomoda e nem briga mais nem há luta pela manutenção e convencimento do outro dos seus diferentes pontos de vista diferentes. Aí reside o grande perigo, descobri. Quem vê de fora não costuma enxergar o que se passa nas entrelinhas do casal. Por fora bela viola, mas por dentro pão bolorento. Parar de brigar é como ter cessado de gerenciar a crise e aí ela terá toda condição e força para crescer e tomar conta, como trepadeira que a tudo envolve e sufoca, provocando o fim por inanição do amor do casal. Nunca mais tive dos tão gostosos e longos papos com Bianca e como sinto falta deles.

Passado tanto tempo essas feridas da separação já não sangram mais, mas há uma que permanece aberta e ainda me faz sofrer muito. É a maneira como a nossa Igreja trata Alexandre. Mais de um padre e até agentes de pastoral com muita liderança nas comunidades cristãs já vieram até a mim e a Nadir para tentar nos convencer do quão grande era o nosso engano nessa matéria ao considerar ser o nosso filho também um excluído da Igreja por estar divorciado e, porque nós não fomos feitos para viver sozinhos, ele tem hoje uma nova companheira. Diziam-nos ser tudo bobagem e que acharmos que o nosso filho era tratado de maneira diferente na comunidade por ser descasado, não passava de cisma nossa. Como ele não é discriminado se nem mesmo a comunhão, o remédio que Jesus nos deixou para quando estamos fracos e doentes, ele não pode mais tomar? Será o corpo de Cristo apenas fortificante para os sãos? Nunca! Ah, meu Deus, como eu tenho a certeza de que se fosse Jesus de Nazaré quem estivesse ali no altar no lugar de Padre Rogério, Ele olharia nos olhos do meu filho, nos de Bianca, bem como também nos olhos de toda a multidão incontável dos que vivem este mesmo tipo de exclusão da nossa mãe Igreja, chamando-os com todo o carinho do mundo e com um envolvente e lindo sorriso nos lábios, para se aproximarem logo e comerem com Ele da sua Ceia. E ao convocá-los ao altar, com a autoridade de quem do templo do Pai expulsou os vendedores, Jesus não deixaria que a turma da liturgia lesse no microfone da capela esse texto pronto tão excludente que a Adalgisa recita agora dizendo que só poderão se aproximar da mesa Eucarística os que estão preparados e tiveram confissão recente com o sacerdote. Como me incomoda ver a nossa Igreja tratar o Corpo e o Sangue de Cristo como prêmio para os fortes somente.

Os cabelos, isto mesmo, agora me lembrei, são eles, os cabelos dela, que me fizeram recordá-la. Sorrindo, Rodolfo encontra a sutil semelhança que observara entre Mônica e Bianca. Olha agora com olhos de enxergar para o altar e assusta-se pelo longo tempo em que estivera perdido nos seus devaneios, trazidos que foram pelo simpático casal jovem ao lado.

# ESPINHO

A danada da coluna entrevada doera até aquele último momento em que mesmo cansado ainda se manteve acordado. Tão certo como dois mais dois são quatro de que não parara de incomodar mesmo no breve tempo de sono, ter acordado mais cansado ainda do que antes de dormir era prova disto. Lembra-se de ter ouvido, antes de apagar, os galos ensaiando a cantoria matinal. Em meio às pontadas que sente agora, quando à frente da capela repassa a série de pequenos papéis quadrados, de cor amarela, onde anotara noite adentro os variados, tão necessários e urgentes lembretes daquele domingo para a comunidade.

Proibido que fora, desde os tempos de padre Justino, de realizar a leitura deles ao final da missa, pois que, além de serem considerados excessivos pelo padre e se confundirem com os avisos naturais a toda comunidade, eles eram também motivo de chacota e de risos por parte da grande maioria dos fiéis e deste importante detalhe Nelson não sabia, que os viam como enfadonhos e repetitivos, ele o fazia agora naquele vácuo de tempo havido entre o final da recitação do terço e do toque do sino que todo domingo anunciava a procissão de entrada. Nos dias em que a liderança da reza do terço cabia à Dona Maria, ele não gostava, pois que ela rezava as Ave Marias de forma mais compassada, como era também a sua voz, o que diminuía sensivelmente o tempo livre entre o final da reza e o início da celebração, ao contrário das outras senhoras que recitavam as palavras repetindo-as como se estivessem a ponto de ter um desmaio pela perda do fôlego, como se fossem um daqueles discos antigos de vinil em 33 rotações posto na vitrola para ser tocado em velocidade de 78 voltas por minuto, deixando assim ampliado e isto era excelente, o período para as religiosas admoestações dominicais.

Ao chegar à capela dera muitas graças a Deus por não ter enxergado no grupo que se preparava para a costumeira recitação do terço de antes da missa a figura firme e imponente de Dona Maria. Significa que terei mais tempo. Deus seja louvado e que mantenha a Dona Maria atrasada, pois que hoje necessito de um tempo maior para os meus recadinhos. Nosso povo continua relapso, usando a fé da mesma maneira como a que usa a carteirinha do clube social. Não vê que a religião é coisa séria e que Deus, lá do alto, tudo vê e em seu grande livro anota todas as desobediências e pecados desse povo que me dá a impressão de que vive para pecar, pulando fora toda hora dos preceitos da lei do Pai. Bem que esses ventiladores barulhentos e horríveis que já deveriam ter sido trocados há muito tempo, poderiam simbolizar os pecados dessa gente que eles tentam e não conseguem refrescar aliviando-os desse calor já insuportável a esta hora ainda novata da manhã. É isto, cada rodada de hélice é uma falta por eles cometida.

Passa os olhos pelas laterais da capela e vê que de cada lado são cinco os ventiladores. Ri então, Nelson, enquanto já ansioso escuta a interminável ladainha de Nossa Senhora recitada sempre depois do terço. Dez ventiladores. Um para cada mandamento. Aquele ali que até treme de tanto rodar só pode ser o do sexto. Domingo especial aquele em que de tanto girar, as hélices se soltaram e foi por graça de Deus que ninguém se feriu com pedaços das suas pás que voaram para tudo quanto foi lado, daqui posso ver a marca

deixada pelo vôo cego de um destroço dele arrancando o reboco do teto. Dessa vez Deus ainda foi paciente. Quem sabe porque viu aqui no templo que ainda há uns poucos fiéis, mixaria de quase nenhum, que teimam em seguir a lei de Deus e por isto valerá a pena investir nem que seja mais um pouco para que se convertam. E ainda há gente sôsa que acha que as minhas prédicas de antes das celebrações não são importantes.

O que padre Justino fez comigo não se faz com nem com um mouro, que dirá com um cristão que nem eu. Caso pelo menos eu fosse um desses bundas moles daqui da Igreja, ainda daria para se tentar uma ponta que seja de justificativa para o seu ato. Mas não, logo comigo, o seu braço direito e em muitas horas delicadas e difíceis, o esquerdo também, foi que ele veio dar essa de inimigo. Chegou pra me falar todo cheio de salamaleques e não me toques. Tantas foram as frescuras que as minhas ânsias pouco a pouco subiram até que não agüentei mais e tive de dizer para ele que desembuchasse logo o que queria de mim. Não usando exatamente essas palavras, é óbvio, pois que sei e conheço muito bem qual seja o meu lugar e o que aprendi primeiro da religião foi a obediência ao padre. Isto quando ainda eu era pequeno igual aquele pirralho que por não ser cuidado como devia pela sua mãe, pula de um banco para o outro.

O que o sacerdote com tantas voltas queria me comunicar era que eu não mais deveria dar as minhas orientações de conduta ao povo juntamente com os comunicados comunitários e que se o quisesse poderia fazê-lo antes das missas. Abaixei a cabeça e evitei ao máximo que ele percebesse a minha raiva e o constrangimento que as suas palavras me traziam. Eu é que sou homem de muita fé, porque se fosse um desses aí, dos mais fracos, teria largado tudo e hoje seria quem sabe um desses ateus que vivem combatendo o Papa. Desacreditar de Deus acho que não conseguiria. Seria impossível viver sem o conforto da religião e acho que fosse eu mais franzino da fé, teria me bandeado de armas e bagagens era para os lados dos inimigos e fundado uma igreja de crentes só para a minha devoção e para o bom uso dos fortes como eu.

As derradeiras partes da oração Mariana terminavam e Nelson dava uma última passada nos cinco papezinhos amarelos previstos para o dia. Muda a ordem deles e deixa em último lugar aquele que falava da situação da desobediência dos cristãos às ordens da Igreja e que ele considerava como principal para esse dia e que por todos os ouvintes deveria ser guardado na memória durante a semana. Já diante do ambão, ele acerta a altura do microfone a espera do amém derradeiro das senhoras piedosas. Avalia o quão mais quente estará o templo lá pelos meados da celebração, pelo número já muito alto dos fiéis presentes. Com a chegada do grupo dos dorminhocos retardatários, que era como ele chamava aquelas pessoas useiras e vezeiras em se atrasarem para o culto, não haverá lugar nem para a circulação dos insetos, ele pensa enquanto seus olhos detalhistas checam aquele casal sorridente, muito juntinho um do outro, que conversa lá no meio da igreja bem naquele lugar que é cativo da turma mais idosa da Renovação Carismática. Ou são dois inocentes desavisados, ou fazem parte como eles do movimento dos velhinhos que estão à sua volta e estão ali sentados porque foram convidados por eles, Nelson sentencia.

Apesar de ser também ministro da eucaristia e de geralmente, posicionar-se também ao lado do celebrante no altar, neste domingo Nelson não está escalado para a celebração e a sua única missão na capela serão as cinco exortações iniciais ao povo de Deus. Admoestações

essas que, como se sabe, já se tornaram folclóricas e são muito mais motivos de chistes e de piadas do que de assimilação e cumprimento pelos ouvintes. Após lê-las se encaminhará, como de costume, para os fundos da capela, posicionando-se no tablado onde deveria, caso existisse, estar o coro. Dali, daquela posição mais alta era onde, quando não estava no altar, melhor ele se sentia dentro da capela.

Daqui da retaguarda sou igualzinho ao publicano da parábola e posso exercitar a minha humildade reconhecendo-me como pecador que merece sempre o perdão de Deus como bem aprendi no Movimento desde a juventude. Nem sei por que me veio à lembrança o padre Justino e o que ele me fez não deixando mais que eu, junto aos avisos finais comunitários, também passasse os meus recadinhos. Naquela época cheguei a pensar que ele conhecia o meu pecado, tendo tido acesso de alguma maneira ao meu passado. Na minha idéia, aquela não era mais do que uma forma sutil dele me afastar da liderança da comunidade, ou mesmo dela como um todo, ou seja, mais uma vez eu era discriminado pela minha mãe a Igreja. Nessas horas em que somos cortados e não nos oferecem as explicações suficientes que justificassem aquela poda, aliado ao fato de que o meu couro e o meu espírito já estão mais do que acostumados às pancadas e à discriminação, a imaginação fica livre para correr sem censura fazendo todo tipo de conjecturas. Dei então graças a Deus por nunca ter me confessado com ele. Não que tivesse desse pecado para me confessar, pois sou forte e tenho controle sobre mim e desde muitos anos nele não caio mais. Posso dizer com orgulho que dele estou todo limpo. Mas como confissão é sempre também um espaço de se buscar apoio e orientação e aí cabe o que sempre faço nas minhas, ou seja, diálogo abertamente com o sacerdote que me confessa sobre os meus desejos proibidos e as inclinações que tenho que deixar bem fechadas e guardadas a sete chaves em suas caixas pretas.

Senhor, por que Você me fez assim? Por que colocou dentro de mim este espinho que fere muito mais que o silício sem dó nem piedade? Uma vez, faz tempo isso, li um artigo no qual o seu autor supunha ter sido também este o tal espinho na carne que São Paulo dizia sofrer. Não há como dizer que sim nem que não, mas considerando-se, como eu aqui o faço, o tamanho do sofrimento que seu problema lhe provocava e, experimentando eu no dia a dia da minha existência, o quanto esta situação me custa caro, posso crer que não seria nenhuma surpresa haver sido este meu pecado semelhante ao tal espinho na carne do santo apóstolo dos gentios.

Não me sinto nada bem quando me vêm esses pensamentos considerando a direção sexual das pessoas como um pecado em si. Sou fruto das contingências e vicissitudes da vida, não sou ninguém especial, algo assim como um extraterrestre, e nem sei ao certo o quanto alguma química ou até mesmo uma combinação genética possa ter ou não contribuído para este meu estado de ser. O que sei e afirmo é que um dia me vi assim e, para mim mesmo, concluí que ser desse jeito era uma energia muito maior do que a minha capacidade de dominá-la ou muito menos mudá-la. Influência da família, dos pais, dos amigos, da escola? Evidente está que tudo isto participou, de uma maneira ou de outra, na minha construção para que essa tendência pouco a pouco fosse se imiscuindo dentro do meu jeito de ser. Sei lidar muito bem comigo mesmo e, quando sinto que vai vir trovoadas em mim e que há riscos de que vá perder o controle, tenho lá no fundo da gaveta guardada a minha disciplina

e aí a coloco bem apertada na carne, como naqueles tempos em que participava mais vivamente do Movimento, e a uso até que sinta a calma retornar novamente.

O que hoje sei, Senhor, daqui do fundo da Sua Igreja mais uma vez lhe digo, é que não há culpados na minha história. Da mesma forma que me enxergo sem culpa, também afirmo que ela não pode ser imputada a nenhum desses que passam agora, pelo filme da lembrança e que de alguma maneira imprimiram alguma marca em minha vida. O que hoje sei também, Meu Deus, é que estou limpo. Estou puro e branco como a neve que descansa nos altos montes que na Europa um dia avistava da janela da minha cela, naquele ano em que para lá fui enviado, ou mesmo branco como um vestido de noiva pronto para ser usado na entrada gloriosa e triunfal na igreja para o seu grande dia. Há dez anos, comemoro neste natal, estou casto. Não tenho ninguém, não saí nesse tempo todo com nenhum igual ou mesmo nenhuma diferente de mim. O Senhor que tanto me conhece sabe o quanto este esforço me pesa e me custa, mas a vitória em me preservar assim na pureza me dá muito consolo e alegria e o Senhor sabe disto. O espinho, apesar de me machucar fundo a carne não se consumou mais em pecado e por isto eu necessito dar graças ao Senhor todos os dias, meu Deus forte. Mesmo não se tendo constituído em pecado, hoje ele ainda bastante me faz sofrer e disto o Senhor é bem sabedor pois vê até bem antes de mim a discriminação que me persegue por todos os cenários da existência. Se lá fora ela já tem um peso e ele é muito grande, aqui dentro ele é carga muito maior e torna-se ainda mais difícil de suportar. Muitos desses, como eu, homens e mulheres, não foram capazes de carregar fardo tão penoso e se afastaram da casa paterna, da Sua casa, Senhor. Quem não vive este drama não é capaz de dimensionar o quanto machuca sermos tratados como pecadores públicos, gente que não consegue dominar os instintos e inclinações e que, por isto, dos jovens e das crianças precisam ser afastados. Separam-nos dos outros na Igreja, ao contrário de tudo que o Senhor pregou, como se fossemos portadores de uma nova lepra ou alguma doença tremendamente contagiosa.

Negativo que dentre nós não tenha também desses fracotes e moleirões, longe disso, pois que há multidões deles, mas que atire a primeira pedra aquele ou aquela que não possuindo a sua sexualidade como a nossa, não teve lá nalgum momento da sua vida uma fraqueza da qual tivesse que se envergonhar e se confessar dela a um sacerdote. Misérias e pecados originados da carne são os que mais ocorrem e independem da opção sexual de cada um. Até mesmo aquele que é o pecado maior de todos o da violação de crianças os temos entre todos, sejam os que são como nós ou também entre os normais da sociedade. Quantos e quantas tidas por pessoas de sexualidade sã na Igreja e na sociedade ocidental e cristã não carregam dentro dos seus cofres mais secretos pecados inconfessáveis e que muito mais mal do que pode provocar o nosso espinho eles são capazes de provocar?

Não que eu queira justificar ou mesmo amenizar o meu árduo fardo colocando sobre a minha condição alguma aura de beleza. Meus quarenta anos de vida me fizeram um homem maduro e nunca, nem em pensamento que eu quisesse almejar algo assim. O que quero, o que peço a Deus nas orações é que me aceitem na Igreja como eu sou porque nem eu, nem nenhum de nós que somos assim fizemos o menor pedido que fosse para que desse jeito nos tornássemos. Meu Senhor, Você bem sabe que por conta disto tudo que nesta celebração eucarística, nem sei porque recorde, eu larguei o Movimento, me mudei de comunidade e até mesmo de cidade. Vim para cá e nesses dez anos a ninguém, tirando fora os meus

confessores e escolhi-os sempre com bastante cuidado para que fossem de paróquias distantes daqui, tive a coragem de dizer dessa minha condição. Confesso, aqui no fundo que foi por medo que esta minha condição de vida a ninguém eu divulguei. Eu, meu Senhor, que no começo das divagações que me dominam nesta manhã aqui na missa, considerava-me duro e forte, reconheço, agora que chegamos lá no altar ao Seu ofertório que, como todo mundo, também sou fraco e não sei como reagiria a um novo desprezo por parte dos meus irmãos de fé por me saberem assim como sou de fato em minha essência. Decerto que me desestruturaria e alguma desgraça seria bem capaz de fazer para não ter que suportar mais uma vez a carga de tão imensa vergonha.

## CARACA

Caraca, sinto-me empurrado pelo ministro que vem na minha cola, aqui bem atrás de mim nessa procissão de entrada. Está tudo muito louco e não entendi nada. Depois de permanecermos numa boa, calmos e tranquilos parados dentro da sacristia aguardando o padre terminar as suas orações, como um raio, tudo de uma vez se modifica e entramos praticamente correndo na Igreja. Chego a sentir e ouvir a respiração dele de tão perto que de mim ele caminha e pelo ritmo dela nada bem ele está. Pelo menos agora já chegamos ao altar e não corro mais o risco de que ele, no afã de andar rápido, tropece nos meus passos e interpretássemos aqui, bem na frente do altar, uma cena de comédia pastelão que ninguém merece com a procissão se desmoronando e um caindo por cima do outro. Pelo menos na platéia temos novidades. Aquele cara e a sua menina eu nunca tinha avistado por aqui. Será que é gente boa? Tenho dúvidas porque não é que se sentaram logo em meio ao grupo mais careta e contra os jovens daqui da comunidade? Só de idade é que eles devem ser jovens. Vai ver são desse tipo de pessoas quadradas e caretas que só por engano no calendário da cegonha não nasceram antes. Novos de corpo e coroas de espírito. Isto é o que eles devem ser.

Vida louca essa minha. Eu aqui ajudando na missa e um montão de apostilas me esperando, aflitas, em cima da escrivaninha do quarto. Estou frito. O vestibular esmurrando a minha porta e, colocando a situação em termos percentuais, cerca de trinta por cento da matéria necessitando ainda ser revista e eu na casa do Amigão Jesus. Mas é bom estar aqui e caso tivesse optado, como papai e mamãe que, primeiro de maneira sutil sugeriram, logo depois abertamente tentaram e, quando eu já estava de saída pra vir para cá, agressivamente exigiram querendo me forçar a permanecer em casa para estudar, estaria, além de infeliz, totalmente incapacitado para aprender algo ou lembrar o que quer que fosse, porque depois da virada de ontem estudando das sete da matina às 10 da noite, o caneco está pra lá de cheio. Meia gota a mais e a cabeça transborda.

Isto sem contar que mais infeliz também eu ficaria porque não veria a mina com quem hoje, ninguém me segura, vou pedir pra namorar com ela. Será que ela vai se assustar com o meu

pedido, eu que nem ficar com ela fiquei? Tatiana, Tati, Tana, Ana, como será que ela quererá ser por mim chamada? Aqui do altar, de frente pra ela e lamentavelmente tendo dela a minha visão prejudicada pelo casal novo na capela que se postou na frente da minha menina. Caso eles não tivessem aqui vindo a Tati estaria linda de corpo inteiro na tela dos meus olhos, porque os velhinhos daquele banco são tão baixinhos que não são capazes de tampar a visão de ninguém, mas esses dois são grandões e a minha gatinha ficou meio escondida lá atrás deles. De repente, sabe que até foi bom? Imagina só se eles não a tampssem e ela estivesse completona aqui no meu campo de visão, mas toda charmosa desse uma de fresca e fizesse de conta que não me via? Eu juro que uma loucura eu faria aqui nessa missa pra que ela em mim prestasse atenção. Menina, você não me conhece e por seu amor sou até capaz de plantar uma bananeira bem na frente do altar. Coragem pra uma doideira assim é o que não me falta. Será? Aí é que ela me chamaria de maluco e nada comigo ela ia querer ter. Tem juízo, cara. Amor é assim mesmo. No começo é gostoso até doer e eu estou ainda na parte dolorosa desse tal de amor.

O padre Rogério está esquisitão pacas hoje. Parece que o homem está sonado. Vai ver que ele passou a noite toda virado em algum jogo no computador. Também eu sou assim, começo a jogar e perco os limites. Vai embora a fome, a responsabilidade com o estudo, as obrigações que tenha assumido com meus pais ou com o grupo de jovens. Vai tudo pra o espaço derrubados na mesma velocidade em que as vidas dos personagens do jogo se acabam. Talvez não. Vai ver ele está na tal crise de crença que a coordenadora do grupo ensinava pra gente e que ninguém me peça pra explicar porque patavina de nada foi que eu entendi do troço. Aliás, não é bem assim, de umas beiradas do assunto eu compreendi, como, por exemplo, aquela parte em que as coisas quando não são originadas de Deus nos trazem sentimentos negativos, que ela chama de desolação. Sou capaz de entender o padre então porque tem dia que eu fico assim também: sorumbático e chapadão, não querendo que ninguém me venha esquentar ainda mais a paciência.

Ele na tal da crise do deserto e eu na crise de curso. E se eu não gostar de administração de empresas? E se esse esforço grande paca, de estudar feito um doido o ano todo for em vão e eu acabe por descobrir logo no primeiro dia de aula que não era nada daquilo que eu queria? Tati, se acontecer isto você vai ser uma namorada viúva, porque eu juro que morro, meu amor. Caraca, nunca vim ajudar na missa tão desligadão como me sinto hoje. Estou pra lá de Marrakesh. Volta, Flavinho, vem e desce devagar que é pra você não se esborrachar no chão. Você está na capela como auxiliar do sacerdote em uma coisa muito séria que é a sagrada Eucaristia. Coisa de respeito do Homem lá de cima que você curte tanto e do qual quer estar cada dia da sua vida mais perto. Pára de circular feito pião dentro dessa montanha de pensamentos pirados e volta cá pra dentro da Igreja, pra missa de domingo do padre apagadão que nem abajur de lâmpada queimada.

Esse padre é maneiro, comparando o jeitão de ser dele com um carro, eu diria que a máquina e a carroceria são dez. Motor potente faz muitas coisas, promove vários agitos para a galera. Carroceria bem bolada porque tem espaço para carregar a turma. O que falta nele são alguns acessórios. Têm uns até que custariam muito pouco pra ele incorporar e uns tantos outros que acho que são possíveis de darem mais trabalho para serem encaixados. Exemplos da falta desses acessórios no padre me chegam aos montes. A falta de tempo dele pra conversar com a galera, ouvir nossos anseios, responder às dúvidas e tratar das

dificuldades que todo jovem tem. Mata lá na raiz mesmo qualquer tentativa que a gente faça de aproximação dele quando nos chama de “aborrecentes” e que somos complicados. Nessa ele erra dobrado porque põe no mesmo saco quem é do grupo e já passou da adolescência, quem já está nela e quem ainda vai chegar lá e também porque ser complexo, como nós admitimos que somos, é atributo do ser humano e é bem diferente de ser complicado como ele em variadas ocasiões tem nos rotulado. Outra situação que me vem de coisas que faltam nele, é o jeito de nos tratar quando namoramos e ele está dando bola por perto. Nem um abraço pode pintar. Beijinho então, mesmo dos pequenos e mais simples podemos dar como demonstração do nosso amor e afeto.

Não tiro nem uma bicota de razão dele quando critica a gente pela ficção que muitos de nós curtem. Até uns tempos atrás eu também era desses de ficar, mas agora estou mais sereno e calmo na parte afetiva e me vejo muito mais na da resposta do que na do ficar. Viu que beleza o que pensei aqui agora, meu amor? Eu quero é te namorar. Flávio pensa enquanto olha para Tatiana e seus olhos melados não encontram os dela. Ficar é uma coisa e eu concordo com o padre quando nos cobra as demonstrações de carinho entre os ficantes. Agora, a minha discordância é quanto aos beijos e abraços dos namorados. Esses, eu e a Tana, a partir de hoje incluídos, temos mais é que trocar para demonstrar o nosso afeto e o nosso gostar de estarmos juntos e nos amando. Acho que o fato dele ser europeu, gente mais fria do que nós somos é que faz com que nos veja de forma diferente e faz com que precise de um acessório específico para que compreenda que as demonstrações de carinho e afetividade dos jovens são boas e não fazem mal a ninguém, muito antes pelo contrário. Só trazem o bem e por isso essa matéria ele tem que estudar de novo para melhor nos entender. Espera lá, meu irmão, eu raciocinando assim posso estar dando margem a que se pense que sou todo a favor de se liberar geral os carinhos entre os namorados e até se ir para a cama nem bem a gente tem um compromisso formal ou em vários casos ainda nem se conhece ainda de uma maneira razoável. Nada disso.

Outro ponto também que me incomoda no seu comportamento como sacerdote da nossa Igreja nem diz respeito a nós, da juventude, mas à meninada da catequese. Pô, tem muito tempo mesmo que ele não dirige uma palavra sequer, não fala uma frase, não dá uma explicação diretamente para as crianças, para que elas possam participar melhor entendendo o que é esse troço de missa. Daqui do altar vejo bem o rosto deles e me chateia ver a luta das tias catequistas para fazê-los permanecer quietos. Fico com dó deles, os pequenos, que devem se sentir meio “aliens” na celebração. Posso estar enganado, mas o que me passa é que para cá eles vêm só para bater o ponto, tendo marcadas nas suas cadernetas a presença obrigatória no culto eucarístico e nem um alô mínimo que seja do padre eles ganham.

Será que peguei pesado com o padre e os trechos daqui da igreja? Penso que não, mas se bati forte demais, que Deus e o padre me perdoem. O que eu quero mesmo é ajudar, é ser um cara legal, é trabalhar para um mundo melhor e mais justo que as gerações passadas não quiseram ou não souberam legar para nós. Caraca, voei alto e quase não me dou conta de que já está na hora do ofertório da missa e nessa hora coroinha tem mais é que ralar para ajudar o celebrante.

Ter que estudar quando o que preciso mesmo e quero é trabalhar. Como vou poder namorar legal a Tata se vivo durango dessa maneira? Seria tão bom se já estivesse na batalha com

um serviço legal para fazer. Ter a minha grana na mão todo final de mês para as paradas e pra poder comprar as roupas maneiras que curto. Sem essa de só usar roupa escolhida e comprada por mãe. Ela é esperta e tenta me fazer achar que sou eu quem escolhe, mas saco bem qual é a dela. Posso comprar desde que seja numa daquelas lojas caretas que só têm roupa de nerd ou de velho. Viva a liberdade dos que têm grana!

Para com isso, Flavinho, com pensamentos desse tipo eu já te falei que é capaz de você passar uma impressão de que é um cara vazio e fútil que só pensa nele e nos assuntos materiais. Sou assim não. Tenho grandes preocupações com o social e na minha cabeça somos nós, os jovens, que temos que ralar por um mundo mais justo, onde todos possuam o necessário para viverem felizes e com dignidade. Incomoda pacas que os pobres daqui da região não participem diretamente, como nós de classe média, das celebrações e dos grupos da capela. Participam, mas é indiretamente porque sempre se colocam lá embaixo perto do depósito de coisas dos vicentinos, como se não fossem dignos por não terem a roupa adequada, ou não se sentirem limpos o suficiente, para estarem diante desse altar de Deus.

Hora de parar com a viagem e pousar aqui na missa, Flavinho. Presta atenção no que você faz, cara. Vai acabar, ao invés de levar a água para o sacerdote lavar as mãos, trocá-la derramando vinho nele, pagando o maior mico e sendo zoado a vida inteira pela galera que é tudo gente muito maneira.

## EMBAIXO

Não sei como esse povo agüenta ficar dentro duma igreja tão quente e abafada como esta. Deus me livre e guarde! Aqui fora, a gente escondida na sombra gostosa da amendoeira, já está pra lá de quente, imagino na capela o forno que não deve estar. Nas duas vezes que estive lá dentro, numa era inverno e foi o batizado de Maicol, aí não senti muito calor. O incômodo foi que tivemos que assistir primeiro a missa para, só depois dela, o padre batizar o guri. Da outra vez foi duro e suei que nem tampa de marmitta, carregando o menino no colo e com a barriga varando os sete meses da Lurianety. Permaneci sentada no primeiro banco a celebração inteira, para a dona Marlene, da Obra do Berço, me dar de presente ao final da missa o enxoval da Luri.

Morri de vergonha quando ela me levou lá na frente daquele povão para me mostrar para eles e ser aplaudida. A barriga e os peitos tinham crescido muito e a blusa já não dava conta do recado e acontecia que quando eu a puxava embaixo sobrava em cima e quando acertava no alto faltava pano na barriga. E isto já no final quando Maicol, incomodado, não queria mais ficar no meu colo e eu tinha que segurá-lo pela mão, porque se soltasse o danadinho ele ia aprontar tantas ali que eu até duvido que a Dona Marlene iria me dar o presente que tanto me serviu porque eu já com o barrigão daquele tamanho e nem um pagãozinho sequer

eu tinha em casa para a minha filhinha que naquela época nem se seria mulher eu sabia e as roupinhas do enxoval de Maicol, se já não tinham acabado, deviam vestir naquele tempo os seus quinto ou sexto neném nalgum barracão de pobre na redondeza.

Não sei o que seria de mim se não fosse o pessoal daqui da capela. O pai de Maicol, quando estava ainda solto já nem queria mais saber nada de mim e do menino. Hoje, que está preso em Bangu, duvido que ele pelo menos tenha lembrança do nosso namoro curtinho tão gostoso e do fruto do nosso amor que é a cara cuspida e escarrada dele. Nesse tempo ele ainda não tinha se envolvido com o pessoal do movimento da boca. Deus é pai e nunca que ia de me abandonar e por isso Ele me arrumou em seguida um pai também melhor para a minha filha. Esse olha e cuida dela. Dá presentes, compra roupas, traz um bombom e leva ela para tomar refrigerante e comer cachorro quente. De mim mesma ele não cuida mais porque só ficamos mesmo foi o tempo necessário para a gente criar intimidade e fazer a Lurianety. A mãe dele, avó da Luri, também é sangue bom e visita sempre a netinha, me ajudando demais quando leva a Luri e aí dou sempre um jeito de encaixar o Maicol na encomenda, para a casa lá dela, facilitando a vida para que eu possa ir à luta e levantar uns dinheirinhos. Minha sogra me contou que o seu filho e pai da minha filha vai deixar o serviço de camelô, que isto não está mais dando grana nenhuma e só se ganha nessa parada é porrada dos guardas que, se não bastasse isso, ainda por cima, roubam as mercadorias deles e vai trocá-lo por uma profissão melhor e mais segura. Vai ser ajudante de pedreiro em construtora. Coisa boa mesmo e que vai ter a estréia da carteira profissional dele que será assinada pelo patrão doutor.

A gente vê logo quando a pessoa tem berço. O avô de Maicol, coitado, um pinguço que era motivo de zoação dos meninos nos becos e que vivia todo mijado e delirando caindo pelas sarjetas. A avó dele, aí eu não sei bem se por desgosto, ou se sempre ela tivesse sido mesmo sangue ruim, era a maior piranha da favela. Não é então que o pai do meu filho só poderia dar no que deu? Diferente demais dos avós da Luri. Este, o pai dela, teve família direita. Foi cuidado, teve gente que olhava para ele com atenção e amor. Outro dia até eu vi ali naquele quadro do salão, pena que já tiraram, um retrato dele no catecismo. Isto ele nunca que me contou e eu não sabia que até nas coisas de igreja ele tinha se metido. Uma pena que o nosso caso não tenha dado certo. Ele teria sido um cara gente fina para se fazer um cafofo legal, coisa de sala, cozinha e quarto separado.

Dos assuntos de Igreja mesmo só tomei conhecimento quando dona Marlene me viu grávida de Maicol e foi lá em casa anotando meus dados e querendo saber mais de mim. Fiquei até desconfiada demais das intenções dela. O que me vinha no pensamento e tinha uma gente que me botava esses grilos na cabeça, era que aquela coroa ia querer roubar a minha criança quando nascesse para mandar vendida para o estrangeiro. Coisa essa que de maneira nenhuma eu ia de concordar, porque lá em casa é assim, minha mãe sempre disse, onde comem cinco, comem seis. Aos poucos fui relaxando e aumentava a confiança nela. Hoje gosto demais. Dona Marlene é a minha mãe branca e mágoa dela, das pequenas, só tenho uma. Ela nunca que quis batizar filho meu. A esperança que tenho é que desta terceira barriga ela e lá o marido sejam os padrinhos.

Não que eu quisesse mais um menino. Aliás, se for pensar direito, nenhum deles veio de coisa assim querida de antes. Veio porque Deus manda. Nenhum homem de papel passado

e de Deus abençoe na igreja eu tive. Sou mulher de paixão violenta e quando ela vem não tem mais nem pensamento que me aconselhe e me entrego toda sem medir consequência ou o que poderá vir. Depois vem o arrependimento, mas na hora em que bate o amor o que vale mesmo pra mim é o momento para se viver. Apesar de ter pouca idade, sou vivida e sofrida como se muito mais anos eu já possuísse.

Queria ser de Igreja. Tenho inveja desse povo que chega para a missa com a roupa arrumada, os filhos de banho tomado e cabelos que o pente e a escova muito alisaram. Mas sei do meu canto e lá em cima não é lugar para mim. Na escola fiquei só por três anos e até hoje não tenho bem ao certo se foi porque eu repeti o ano, ou se tudo se deveu pelo fato de que mamãe cismou que a tia não gostava de preto, que ela decidiu me tirar definitivo da escola. Ela nunca me explicou isto direito e eu nunca também tinha parado para ficar nessa de pensar nos porquês de eu ter largado as aulas. Mamãe devia ter razão porque se teve um tempo em que fui uma menina envergonhada foi naquele último ano em que freqüentei as aulas. Achava que era por causa da minha burrice, da minha feiúra, ou do uniforme já muito usado e desbotado que herdei das minhas irmãs mais velhas que, todas, o tinham vestido antes de mim, que a tia Zenaide nunca me chamava no quadro negro, nem dizia o meu nome, a não ser é claro na hora da chamada, ou para fazer rindo alguma crítica de voadice qualquer minha.

Igreja é igual escola. É lugar de gente branca e rica. Desse tantão de gente que vem às missas dá para contar nos dedos das mãos e sobra um pouco de dedos nos pés, as pessoas de cor. E mesmo esses que vêm é porque apesar de terem a boa cor, que essa não tem maneira de se esconder, já estão hoje num estado de vida igual a dos ricos e podem assim ficar mais à vontade entre os branquelos. Um dia vou arrumar um marido bom e vou casar na Igreja. De roupa comprida, de rabo saindo pela porta e é claro, toda branca. Dona Marlene me prometeu que faz questão de me dar o vestido de casamento e que eu nunca que podia perder as esperanças e que tinha até um santo da Igreja que podia me auxiliar nesse sonho de casamento. Só que a doação dos panos dela para o casório eu não quero não, porque ela falou também que pode ser de qualquer cor que eu escolher, mas de branco é impossível porque esta cor é reservada para as noivas que se guardaram virgens para os seus maridos e essa, estava na cara, pra ela não dizer que estava no meu corpo também e nos dois filhos, não era mais a minha situação. Quem sabe eu não acho um padre também da cor que não ligue que eu entre na Igreja toda noiva de revista. Linda demais e com os três filhos na frente de dama e de pajem de honra.

Pára de sonhar, mulher metida a besta. Com três crianças depois de desembuchar este que você não sabe ainda nem se vem menino ou menina, nem emprego decente pra te sustentar você vai conseguir arrumar e ainda fica aí na porta da Igreja esperando a ajuda dos que cuidam dos pobres, ficando nessa imaginação doida de marido e ainda dos bons pra casar. Qual homem será o maluco de se arrancar com essa nega, ainda bonita, que isto eu sou mesma, mas já gorda e com filharada pra criar? Filhos que nenhum deles o tal noivo bom ajudou a fazer e que só vão ficar dando trabalho e despesa? Ninguém assim vai ser possível de estar disponível. Caia na real, mulher, ainda mais nos dias de hoje com essas meninhas metidas a gatinhas e oferecidas se abrindo pra os caras que nem mala velha.

Tenho mais é que me cuidar depois dessa gravidez, tomar remédio e não deixar mais, quando arrumar um namorado, ele fazer barriga em mim. Sei como Dona Marlene muito bem me ensinou, que fazer sexo sem ser casada é pecado grave, mas que fazer? Também tenho direito a viver e ter alguma diversão e satisfação no mundo. O que não posso é ser irresponsável de colocar mais filhos no mundo sem ter condições de bem criá-los. Lá vem descendo rápido a rampa aquela mulher que não espera nunca a missa acabar. O que houve que fez com que ela saísse hoje da missa chorando? É sempre assim, dois minutos depois dela passar e estoura a boiada e aparece o povo saindo na pressa igual a de quem tem a precisão de tirar pai da força ou a mãe da zona e é a hora em que eu aqui, devagarzinho, ganho os meus trocados e os mantimentos para passar a semana com mamãe e meus dois filhos.

## EM CIMA

O toque enjoado do celular logo que acabara a consagração, a todos muito incomoda e mais ainda a Nelson que lá de trás observa que a senhora que recebera a ligação, contra todas as regras da educação e do decoro dentro de um templo e bem mais grave ainda, em momento tão solene da liturgia da missa, sem demonstrar maiores cuidados em parecer discreta, atendia o telefonema. Ganas de ir até ela e tomar das suas mãos e ouvidos o pequeno aparelho. Mesmo estando de costas, foi visível o susto dela às palavras ouvidas. Sem desligar o telefone ela cochicha com o marido ao seu lado que, muito assustado, afasta dela o seu rosto como se tivesse tomado um choque. Ela fala algo novamente ao celular e Nelson lamenta ela não estar virada para ele, para que pelo menos tentasse, mesmo sem conhecer leitura labial, compreender o que se passava com as palavras que à distância pareciam ser tão impactantes. A mulher abaixa a cabeça e fala de novo algo rapidamente ao celular, como se pedisse uma confirmação e balançando a cabeça afirmativamente para o seu esposo ao lado, termina a ligação. Em segundos as pessoas posicionadas próximas dos dois também tiveram reações semelhantes à do marido daquela que recebera a ligação e Nelson lá nos fundos tinha certeza de que coisa muito importante e que não era nem um pouco boa, tinha acontecido.

As mãos dadas para o Pai Nosso atuaram como fio condutor facilitando a comunicação e fazendo com que se abrisse rapidamente o raio do burburinho cujo epicentro era a tal mulher que recebera o telefonema. Um dos desconfortáveis sabedores da notícia olha ansioso para trás como se o socorro de alguém ele buscasse e encontra de imediato o olhar e a expressão incomodada e curiosa de Nelson. Sai então do seu lugar e a passos largos caminha rápido para o tablado do coro. Nelson se abaixa para escutar o que tanto agitara o povo lá mais à frente. A informação que lhe é passada o deixa tonto e um zumbido forte no ouvido permanece. Sem conseguir conter o choro, segue pelo corredor central da nave e como se fosse à cata do cumprimento de Padre Rogério no abraço da paz, se junta a ele e

lhe dá a notícia. O bom homem de Deus que por tantos anos trabalhara para a Igreja, havia descansado. O Papa tinha morrido.

Seu erro foi não aproveitar aquela hora em que por Nelson de tudo soubera, para contar o acontecido ao povo. Resolveu fazê-lo juntamente com os avisos finais antes da benção. Distribuindo a comunhão Padre Rogério se deu conta de que perdera a boa hora do aviso e a cara de uns chorando e de outros entre tristonhas e assustadas, era prova de que, qual fogo em palha seca, da notícia todos já sabiam. Falou-lhes então ao final da sua tristeza pelo falecimento do pontífice. Queria dizer mais, palavras de esperança, mas elas não saíram conforme tentara ao cérebro comandar. Ficou nisso.

Indo embora para casa terminada a missa, cada um, da sua forma, carregava dentro de si a esperança de que nasceria com o novo papa que dali a alguns dias seria escolhido, sob a inspiração do Espírito Santo pelo consistório dos cardeais a nova Igreja com a qual cada qual sonhava. Os mais conservadores a expectativa da volta daquela Igreja mais forte, poderosa e clerical da cristandade. Os outros sonhavam com uma Igreja mais justa e solidária que esbanjasse por todos os poros o amor do Pai e que os tivesse, independente de serem leigos ou padres, mais atuantes e comprometidos com o mundo do Reino, pleno de esperança, justiça e de paz.

E todos eles, gente da cristandade e da comunhão e participação saíam do templo amados do mesmo jeito pelo Pai que desde há pouco acolhera no seu colo de amor o sucessor de Pedro.